

Cobertura 3

A qualidade de uma vida não se mede

nem pelas riquezas,

nem pelos poderes,

nem pelas honras,

nem pela fama.

A qualidade de uma vida depende

da qualidade do amor.

Não são os gestos que contam,

mas, o amor que os suscita

que pode mudar o mundo.

SUMÁRIO JANEIRO-FEVEREIRO DE 2011

VIDA ESPIRITUAL

- 2 Carta de 1º de janeiro de 2011
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 6 Conferência de 1º de janeiro de 2011, Casa-Mãe
Padre Gregory Gay, Superior geral
- 12 Carta de 2 de fevereiro de 2011
Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 23 Com Maria da Anunciação, acolher o Espírito
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

DESAFIOS ATUAIS

Hoje, com os Fundadores

- 25 Província da Tailândia
A Comunidade de Mae Sot na fronteira da Tailândia e
de Myanmar (Birmânia)
Irmã Teresa F. Balais, Filha da Caridade

ATUALIDADE DAS PROVÍNCIAS

Visita dos Superiores

- 30 Província do Paraguai
Visita da Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Iliana
Suarez, Conselheira geral: de 28 -30 de julho de 2010
Uma Irmã da Província
- 32 Província da Eslováquia
Visita da Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Zofia
Danisçakova, Conselheira geral: de 20 a 23 de agosto de 2010
As Irmãs de Nijnij Tagil
- 36 Cazaquistão (Província de Chelmno)
Visita da Irmã Evelyne Franc, Superiora geral e Irmã Zofia
Danisçakova, Conselheira geral: de 24-28 de agosto de 2010
As Filhas da Caridade do Cazaquistão

Testemunho das Irmãs

- 40 Província do Equador
A cruz do cavaleiro da Legião de Honra
Irmã Teresita Duvignau, Filha da Caridade

HISTÓRIA DA COMPANHIA

- 42 Luísa de Marillac, formadora dos leigos
Irmã Maria Angeles Infante, Filha da Caridade

CARTA DE 1º DE JANEIRO DE 2011

Minhas queridas Irmãs,

« *Faça resplandecer sobre nós a luz da sua face, para que se conheçam na terra os seus caminhos*» Sl. 67, 2-3.

Este versículo do salmo oferecido pela liturgia deste primeiro de janeiro de 2011, resume bem os votos que lhes faço em resposta a todos os que gentilmente me enviaram, o que me tocou profundamente.

Desejo-lhes a luz que vem de Cristo, porque com Ele, enraizadas Nele, não haverá noite que possa cair sobre nós.

Desejo-lhes a luz que vem da comunhão fraterna, porque a amizade verdadeira, a reconciliação, o “bem viver juntas” iluminam nossa vida quotidiana e testemunham Deus Amor.

Desejo-lhes a luz que vem do serviço realizado “indo e vindo” com criatividade e audácia, porque isto manifesta o amor de Deus pelos pequenos e afasta a noite da desigualdade e da marginalização.

Que o ano de 2011 nos permita dar respostas concretas aos apelos vigorosos lançados pelo nosso Documento Interassembleias!

Proponho-lhes que releiam com o Senhor, como fizeram nas mensagens enviadas, alguns acontecimentos marcantes do ano que passou e depois apresentem este que começa para que a luz de sua face nos ilumine.

Com todas, rendo graças pelo ano jubilar do 350º aniversário da morte de Santa Luísa e São Vicente; foi celebrado de todo o coração, com a Família Vicentina, em todas as Províncias associando os pobres e a Igreja local; ainda mais, ao longo do ano, fomos convidadas a refletir sobre o nosso carisma vicentino e sobre a atualidade de nossos Fundadores.

Tivemos a alegria da reeleição do nosso Superior geral, da nomeação do Padre Patrick Griffin, como Diretor geral, mas também, a tristeza de “perder” o Padre Javier Alvarez.

Como Igreja, admiramos a coragem de nosso Papa que, pela firmeza e clareza de suas intervenções, faz de cada viagem, de cada encontro uma ocasião de evangelização. Permitam-me destacar uma passagem de sua mensagem para este 1º de janeiro, “Liberdade religiosa, caminho para a paz”, que traçou para a educação religiosa “*estrada privilegiada para habilitar as novas gerações a reconhecerem no outro o seu próprio irmão e a sua própria irmã, com quem caminhar juntos e colaborar para que todos se sintam membros vivos de uma mesma família humana, da qual ninguém deve ser excluído*” (nº4).

Durante o ano de 2010, as catástrofes naturais não faltaram... terremoto no Haiti, com o falecimento trágico de Irmã Brigitte (lembrança dolorosa da morte da Irmã Antonieta e da

Irmã Elisabeth em Pisco em agosto de 2007), terremoto e tsunami no Chile, depois na Indonésia, inundações, deslizamentos de terra, tornados, ciclones na Ásia, na Oceânia e América Latina, como também na Europa.... E no entanto, o Senhor estava lá, como um farol na noite, uma luz em nosso caminho. Com efeito, esses dramas suscitaram respostas admiráveis da parte das Irmãs no local e um emocionante elã de solidariedade na Companhia com partilha de recursos humanos e materiais, uma corrente de orações que fez a volta ao mundo.

Que nos reserva 2011? Certamente, muitas graças e muitas alegrias!

Gostaria de anunciar primeiramente a próxima abertura de uma implantação na República Centro - Africana, um país de necessidades imensas, cercado pelo Camarões à oeste, o Chade ao norte, o Sudão à leste, a República Democrática do Congo e o Congo ao sul. A Família Vicentina já está presente com os Padres da Congregação da Missão, a Associação Internacional das Caridades, a Associação da Medalha Milagrosa, a Sociedade São Vicente de Paulo e a Juventude Marial Vicentina.

Por outra parte, um bom número de Irmãs e suas Visitadoras responderam generosamente ao apelo missionário lançado pelo Conselho geral por ocasião de Pentecostes, portanto, penso que o ano de 2011 verá várias partidas em missão.

O Conselho geral organiza para o mês de fevereiro um Encontro de Visitadoras, designadas depois de janeiro de 2009 e em maio, um Seminário que reunirá as formadoras vindas de todas as Províncias da Companhia.

Como bem o sabem, no dia 19 de junho, celebraremos em Dax a beatificação da Irmã Margarida Rutan, cuja vida já leram nos Ecos. Ela é apresentada como um farol luminoso, um exemplo de coragem na tempestade revolucionária, uma Filha da Caridade que soube acolher e irradiar a luz do Senhor.

O ano de 2011 marcará também o nascimento de duas novas Províncias que se preparam através de diferentes consultas e um sério discernimento. Uma terá início em junho, fruto da reunião das Províncias dos Países Baixos e da Colônia, a outra nascerá no fim de julho da junção das Províncias da Albânia, de Emmitsburg, de Evansville e de São Luís nos Estados Unidos. Por outro lado, as Províncias das Canárias, de Granada e de Sevilha começaram um caminho para a criação de uma nova Província; e o mesmo acontece com as Províncias da Áustria, da Hungria e da Romênia.

Todas estas iniciativas se inscrevem na perspectiva da Companhia do futuro, decorrentes de uma análise realista do presente, fonte de vigor apostólico e de esperança para o amanhã. Acrescento que sete outras Províncias da Europa estão engajadas num processo semelhante e que em outros continentes, reflexões são empreendidas para reforçar os laços de colaboração interprovincial e aprofundar o sentido de pertença à Companhia.

Nesta festa de Maria, Mãe de Jesus e Mãe da Igreja, desejo-lhes a fé de Maria, uma fé que nos faça olhar além, e ir mais além, quaisquer que sejam as dificuldades ou os desafios que teremos à superar em nossa Comunidade, nossa Província, na Companhia.

Com o salmista e a oração de nosso ato de consagração deste primeiro dia do ano, redigamos ao Senhor:

“Faça resplandecer sobre nós a luz da sua face, para que se conheçam na terra os seus caminhos” Sl 67, 2-3.

“Ajudai-nos a crescer ao longo deste ano, nos caminhos de uma vida pobre, pura e simples, na alegria e união fraterna. Assim, poderemos testemunhar vosso Reino de justiça e colaborar na construção de um o mundo de amor e de paz”.

1º de janeiro, ato de consagração.

Com dedicação e afeto, a certeza de minha oração,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

CASA -MÃE
CONFERÊNCIA DE 1º DE JANEIRO DE 2011
A TODAS AS FILHAS DA CARIDADE

Primeiramente, partilho uma experiência. Há vários anos, quando eu estava em missão no Panamá, em uma área rural, algumas pessoas de um dos vilarejos nos pediram para organizar uma viagem, para que pudessem visitar seus parentes que viviam em uma parte norte da Costa Rica, na fronteira com a Nicarágua. Tínhamos planejado ir de microônibus e duas pick-ups (4x4). Eu dirigia a caminhonete, tendo um catequista como co-piloto. Meus passageiros eram as mulheres e as crianças desta família. Um Padre da Missão, da Província de Filadélfia conduzia uma das pick-ups (4x4) acompanhado por três homens e as bagagens. Um dos homens dirigia o outro veículo acompanhado de seu pai, bem como dois outros passageiros e transportava todos os alimentos, que tínhamos necessidade para a excursão de uma semana.

Eles ouviram dizer que uma nova estrada havia sido aberta recentemente ao longo da costa e que tornaria a viagem muito mais fácil, do que passar pelas montanhas através de uma estrada muito perigosa. Não sabíamos que a estrada da qual eles falavam e que havia sido aberta recentemente, era ainda um caminho de terra com numerosos obstáculos, com grandes pedras que devíamos desviar.

Partimos, e começou a chover, mas uma chuva torrencial! Finalmente, eu não conseguia ver a estrada: ela parecia um imenso rio. Eu tive que pedir muitas vezes ao meu catequista que me orientasse sobre o que poderia ser o caminho. Ao aproximarmos de uma ponte, pergunte-lhe: “Será que a ponte está ainda lá? A água corria por debaixo da ponte. Nós a atravessamos e os outros vieram em seguida. Durante todo o trajeto todas as mulheres, o catequista e eu começamos a rezar espontaneamente, sem cessar a “Ave-Maria”.

Em um certo momento, a chuva caía fortemente e a estrada era quase invisível que sugeri encontrarmos um lugar para que pudessemos passar a noite. Quase que imediatamente, chegamos a uma cidade onde nos hospedamos em um pequeno hotel que estava lotado. Era a véspera da Festa da Assunção de Maria, portanto, feriado na Costa Rica. As pessoas estavam em clima festivo, celebrando, segundo seu costume, a festa das mães, Maria, a mãe de todas as mães.

Na manhã seguinte, logo que a chuva diminuiu, retomamos nossa viagem. A próxima passagem que deveríamos pegar, a ponte não estava mais lá, a chuva havia levado. Agradei a Deus e a nossa Santa Mãe por nos ter protegido, pois, se tivéssemos continuado nossa viagem na véspera, durante a noite, muito provavelmente, não teríamos condições de ver que a ponte havia sido levada pelas águas.

Conseguimos chegar ao nosso destino em total segurança. Uma das coisas que todos nós pensamos, agradecendo a Deus e agradecendo a Virgem Maria, foi que, mesmo se estávamos com medo, porque a viagem foi difícil e que as vezes, o único som que se podia ouvir era o nosso Ave-Maria, repetidas vezes, estávamos protegidos, pois alguém velava sobre nós. Como motorista, sabia muito bem que se travava de uma viagem de risco e difícil, porém, não quis passar meu medo para os outros, menos acostumados a dirigir em condições semelhantes.

Por que mencione este fato? Não se trata simplesmente de sentimentalismo piedoso. Celebramos hoje, 1º de janeiro, Maria - Mãe de Deus. Ela é nossa mãe também. Este exemplo que dei é apenas um, dos muitos casos em que eu, como outros de seus filhos, sentimos a sua proteção, a proteção que se experimenta de uma mãe que é amor, que reconforta nos momentos difíceis, às vezes terríveis, momentos de sofrimento, que encoraja a ir em frente, que ajuda a tomar decisões em momentos precisos, a tomar medidas prudentes, e que permite reconfortar os outros, manifestando-lhe esta atenção particular.

Vemos tais exemplos na vida de Maria tal como ela nos é apresentada através dos Evangelhos. Começo pelo evangelho de Lucas, onde no primeiro capítulo temos o anúncio do nascimento do Cristo a Maria, seguido pela visita de Maria a Isabel e sua proclamação do Magnificat. Nestes 30 versículos existem numerosos encorajamentos do Senhor para nos ajudar a viver a nossa vocação ao amor. Maria, escolhida por Deus, foi chamada a uma missão para o mundo inteiro, trazer o amor de Deus ao mundo através do nascimento de Jesus. A resposta de Maria foi fazer a vontade de Deus, ela estava bastante lúcida e consciente de seus próprios limites, de seus temores e dúvidas. Ela pôde dizer: “ Sim, faça-se em mim, segundo a tua palavra”.

Tendo recebido esta mensagem, ela assumiu sua missão de levar o amor de Deus aos outros, como testemunhamos na visita a Isabel, sua prima na necessidade. Maria deixa seu próprio mundo, esquece suas próprias necessidades a fim de se dar inteiramente ao outro. Então, Maria proclamou, do profundo de seu coração, sua confiança e seu amor a Deus que é o nosso Salvador, reconhecendo a ação de Deus em sua própria vida e na vida de todos aqueles que vivem na pobreza, os humildes.

Minhas Irmãs, neste início do Evangelho de Lucas, o papel de Maria está claro. Chamado a ser o vosso, estando abertas para escutar a mensagem que o Senhor vos dirige, conscientes que tendes os limites próprios, mas, confiantes que o Senhor vos ajudará a responder, com este “Sim” à Vontade de Deus sobre cada uma, à fazer sua Vontade na e através da missão, missão de servir os pobres, colocando de lado suas próprias preocupações, doando-se totalmente de todo o seu ser, a fim de que os outros possam conhecer a glória do Senhor e seu amor por eles. O Magnificat de Maria é o vosso Magnificat, em reconhecimento

da bondade de Deus e das boas coisas que Deus realiza naqueles que vivem na pobreza. Sua responsabilidade é de fazer um só corpo com eles, na solidariedade, sendo as mãos de Deus que tocam com doçura aqueles que tem medo, os pés de Deus que leva o reconforto aos que sofrem a voz de Deus que fala com ternura àqueles que estão inquietos, ansiosos e o coração de Deus que testemunha a ternura e o cuidado.

No capítulo 2, 1-21, Lucas conta a história do nascimento de Jesus que vivenciamos nestes dias. Nesta citação a frase concernente a Maria que mais me impressionou, foi esta do versículo 19, “Maria guardava todas estas coisas e as meditava em seu coração”.

Os grandes acontecimentos da presença de Deus e de sua glória em nossas vidas, bem como os sinais que apontam uma falta de sua presença e de sua glória, ou pelo menos, uma aparente ausência, nos convidam a meditar continuamente em nossos corações o que vemos. Entretanto, muitas vezes, viramos a cabeça e fingimos não ver. E não estando em condições de ver, é possível que não o possamos fazer para meditar e descobrir o que Deus nos fala através da realidade que nos rodeia, quer se tratasse de reconhecer sua grandeza e sua glória através da beleza da criação e da vida humana, ou da tristeza, da ausência radiosa da glória de Deus, a obscuridade da beleza de Deus no pecado da humanidade, que muitas vezes é a causa de problemas como: a dor, a destruição, a violência.

Em sua vida, as Irmãs são chamadas a dispor de tempo para rezar e contemplar, de ser capaz de se recuar para reler a experiência da ação de Deus na própria vida, na comunidade e no encontro com os pobres. São chamadas a meditar sobre tudo isso em seus corações e dar uma resposta completa a Deus e a quem tem necessidade do amor de Deus.

O terceiro texto foi tirado do Evangelho de João, capítulo 2, a festa das bodas de Cana. A frase que me chama a atenção nesta conversa, nesta ação de Jesus transformando água em vinho, é quando Maria diz aos serventes: “Fazei tudo o que Ele vos disser”.

Minhas Irmãs, Maria lhes dirige também esta frase, na qualidade de servas: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Mais uma vez, ela as convida a estarem atentas ao que o Senhor diz. Que o escutem claramente expressar no grito dos pobres, ou dificilmente através da lentidão dos que vivem o contrário dos valores evangélicos. Em outras palavras, as vezes, é difícil ouvir o que Jesus diz diante daqueles que são arrogantes, egoístas, violentos ou abusivos. Portanto, somos chamados a escutar: que diz Nosso Senhor Jesus em tal ou tal situação? E quando Ele fala são chamadas a agir. Maria nos encoraja: “Fazei tudo o que Ele vos disser”.

Não deixe que seus medos, suas próprias inibições, e as suas preocupações pessoais as impeçam ou as paralisem diante de uma ação que pode ser feita em favor dos pobres, mesmo quando esta ação pode ser impopular. Se creem que isto vem do Senhor Jesus, que Ele lhes fala e tendo feito o discernimento claramente, com aqueles que estão aí para lhes ajudar e orientar, mesmo se não se trata da mais popular das ações, rezem para que o Senhor lhes dê a graça de seguir em frente e de a realizar.

A última passagem da Escritura sobre a qual eu gostaria de me deter, é o momento quando se voltam à Maria para ajudá-las a viver mais fielmente a própria vocação, está em João capítulo 19, 25-27, no fim do evangelho, antes da morte de Jesus sobre a cruz. Desde a sua paixão até o momento quando Ele é descido da cruz, sua mãe está com Ele. Jesus diz a João, que representa cada uma e cada um dentre nós: “ Eis a tua mãe”.

Maria é nossa mãe. Nós somos seus filhos. É a esta relação que somos chamados a aprofundar em nossa própria vida, a relação de mãe e de filhos, uma relação de confiança e de afeição para com Maria que é nossa mãe, numa abertura do coração ao amor, à proteção, pelo exemplo e ensinamento que ela nos dá. Maria é minha mãe, Maria é sua mãe. E como nossa mãe, nós, os irmãos e irmãs, somos chamados a manifestar nosso amor por ela, não simplesmente em palavras, mas através do testemunho em nossa própria vida dos valores do Evangelho.

Maria nos ensina estes valores desde o início, antes do nascimento de Jesus, no nascimento, meditando tudo em seu coração, no ministério de seu Filho, quando Ele restitui a vida aos outros, e no curso de sua paixão e sua morte, quando Ele continua a se doar, Ele mesmo, dando-nos sua própria mãe. Ela nos chama a fazer a Vontade de Deus, a contemplar o grande amor de Deus, agir segundo o que nosso Senhor Jesus nos pede e a considerar uns e outros como irmãos e irmãs tendo-a como nossa Mãe.

Maria é para nós mais que um modelo, ela é mãe, é guia, é discípula conosco e nos ensina com ternura e exatidão a fazer o caminho com nosso Deus.

Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós!

Padre Gregory Gay, cm
Superior geral

CARTA DE 2 DE FEVEREIRO DE 2011

Minhas queridas Irmãs,

Na festa da Apresentação do Senhor no Templo, a Virgem Maria oferece a Deus seu filho Jesus, segundo as prescrições da lei de Moisés. Após a mensagem do anjo, ela sabe que esta criança é o Filho do Altíssimo, e realiza seu gesto tendo talvez, na lembrança, o de Ana que apresentou ao Senhor, Samuel, o filho da promessa.

A oferta da Virgem Maria, rica de recordações bíblicas, prolonga-se e culmina na entrega que Jesus fará de si mesmo na cruz. Disso fazemos memória em nossa Eucaristia quotidiana.

Encontrei-me com o Padre Gregory, neste 2 de fevereiro, em Roma e apresentei-lhe nossos pedidos de renovação da oferta de nós mesmas, nosso dom total a Deus para o serviço de Cristo nos pobres, através dos votos. Falei das nossas disposições ao nosso Superior Geral, demonstrei-lhe o quanto estamos felizes em renovar nossos esforços, embora bem conscientes

das nossas faltas de coerência na prática destes votos, acrescentando que contamos com a misericórdia do Senhor para novamente recomeçar.

O Padre Gregory nos concede a graça da Renovação por ocasião da festa da Anunciação, em 25 de março de 2011, assegurando-nos que ele nos acompanha com sua oração durante nossas semanas de preparação. Agradei-lhe em nome de todas.

Conforme o costume da Companhia desde Irmã Mathurine Guérin ofereço-lhes com toda simplicidade algumas reflexões em vista desta Renovação. O ano passado centralizei esta carta de 2 de fevereiro sobre o título do nosso Documento Interassembleias enfatizando a esperança. Para preparar nossa Renovação deste ano de 2011, gostaria de tomar a vida de fé como pista de reflexão em união com o primeiro apelo deste documento: “*Viver de maneira renovada nosso enraizamento em Jesus Cristo “fonte e modelo de toda caridade”*”.

A Assembleia geral acentuou a importância do retorno ao essencial: não podemos alimentar nossa fé sem nos enraizar mais profundamente, mais solidamente em Jesus Cristo.

Consideremos primeiramente, a fé dos nossos Fundadores. A de São Vicente, herdada de seus pais, boa gente do campo, é em seguida aperfeiçoada e desenvolvida pelos estudos. Passa pelo crivo da tentação, e sabemos que São Vicente conseguiu vencê-la, dedicando-se ao serviço dos pobres. A seguir, sua fé transforma sua vida, engaja-o na missão, concede-lhe uma energia incansável¹, ele permanece discreto, sem exaltação, sem visões, exceto aquela narrada por ele na ocasião da morte de Joana de Chantal². Sua fé é igualmente equilibrada, permanece amigo do Abade de Saint-Cyran, mesmo denunciando seus erros e os dos jansenistas.

Em Santa Luísa, a fé está muito penetrada de mística, mas a conduz igualmente a ação após os períodos de obscuridade e de dúvidas. Santa Luísa busca ser totalmente de Deus e se entregar à sua vontade durante toda a vida. Neste sentido, alicerça sua vida na oração. Assim, por volta de 1622, escreve: “*No dia de São Sebastião, estando nos Mártires, senti-me impelida pelo desejo de dar-me a Deus, para realizar Sua santíssima vontade em toda a minha vida e lhe ofereci o pensamento que me inspirara de fazer um voto, quanto tivesse a permissão*”³.

O caminho da vontade de Deus, para ela, não foi nada fácil. Durante uma longa noite de dúvida, de incerteza, de bloqueio interior, aprendeu a esperar, na fé e no silêncio, que Deus lhe mostrasse o caminho a seguir: “*Por conseguinte, não mais vontade própria: somente a tua reine em mim!*”⁴.

E como está a nossa fé? Quer ela venha de nossa família, ou seja, nascida de uma redescoberta, de uma conversão..., o importante é vivê-la com uma infinita gratidão, uma alegria comunicativa.

Em todo caso, “O Espírito Santo que nos ensinará tudo”⁵ nos convida a aprofundar nossa fé, a nos sentirmos responsáveis de preservá-la e de alimentá-la. Veremos inicialmente como o Espírito vem saciar, nossas sedes, entre outras, a de nos enraizarmos em Cristo, de aprofundar nossa relação de intimidade com Ele, depois, como renovar este enraizamento em Jesus Cristo, particularmente preparando nossa Renovação.

I. AGUÇAR NOSSA SEDE DE MAIOR ENRAIZAMENTO EM CRISTO.

“*E vós, quem dizeis que eu sou?*”⁶ Ao contrário de São Mateus e de São Marcos que situam sobre o caminho de Cesareia a cena evangélica na qual o Mestre interroga seus discípulos, São Lucas a descreve em um lugar solitário onde Jesus retirou-se para rezar. É o cenário ideal para responder a esta questão importante “*E vós, quem dizeis que eu sou?*”: escutar a Palavra de Deus no silêncio da oração, acolher com um coração aberto e disponível, deixá-la nos modelar e transformar. É, então que podemos dizer como Pedro: Tu és “*O Cristo de Deus*”⁷.

O encontro com Jesus Cristo transforma a vida, conduz à profunda conversão de espírito e de coração, estabelece comunhão de vida com Ele, permite ver a realidade sob uma luz nova e diferente, a luz da fé.

Viver a fé é acolher a revelação de Deus e sua salvação, manifestada em Jesus Cristo, com um coração humilde e convertido. Viver a fé é aderir de coração a Jesus Cristo, o amigo, o mestre e Senhor, apoiarem-se nele, rocha e fortaleza sólida, segui-lo e pertencer-lhe.

*“O Senhor é minha luz e a minha salvação; de quem terei medo?”⁸.
“Só ele é meu rochedo e minha salvação”⁹.*

A fé é um dom que pede uma resposta renovada e constante. Cada dia convida a abriremos à brisa leve do Espírito, a nos deixar invadir pela maravilha de sua luz, na qual *Tudo é graça!*

A fé cresce, consolida-se entre sombras e luzes, a exemplo da de Santa Luísa, na sua peregrinação de vida em seguimento do Cristo. “*A fé é a garantia dos bens que se espera a prova das realidades do que não se vê*”¹⁰. A fé e a esperança se abraçam, têm necessidade uma da outra; esperamos o Reino de Deus, apoiadas nas Palavras de Jesus: “*Não se perturbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim...vou preparar-vos um lugar. Depois de ir vos preparar um lugar, voltarei e tomar-vos-ei comigo, para que, onde eu estou, também vós estejais*”¹¹

Uma vida de fé transbordante tem necessidade de se comunicar. O Documento Interassembleias nos pede para fazer de nossas Comunidades, Comunidades de partilha de nossa experiência de fé¹² onde descobrimos os dons com os quais o Senhor favorece cada pessoa.

Esta mesma partilha de fé vai além da Comunidade. Se tomarmos a sério a exultação messiânica de Jesus sobre a revelação dos mistérios do Reino aos pequenos¹³, constataremos rapidamente que nossos irmãos e irmãs empobrecidos compreendem a Escritura com o coração, sentem que é sua história, o espelho de sua própria vida, e nos evangelizam.

A fé implica num compromisso de vida, coerente com o dom recebido. A graça da fé transforma o olhar, torna-o capaz de acolher cada uma de nossas Irmãs, com o coração de Deus, aceitando cada pessoa com toda a sua riqueza¹⁴. A fé dá sentido a tudo o que acontece, energias novas para viver e agir. É luz que ilumina, sal que dá sabor, fermento que faz crescer toda massa.

Na fé, como em toda relação interpessoal, o essencial é a confiança. Crer, é antes de tudo confiar-se, abandonar-se em Deus: “*Sei em quem acreditei*”¹⁵; é fazer a experiência do que viveu São Paulo: “*Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim*”¹⁶.

Às vezes vem a provação; lembremo-nos da cena evangélica da tempestade acalmada. O barco navega tranquilamente no mar da Galileia. De repente, de maneira imprevisível, mesmo para os pescadores experientes, levanta-se uma tempestade furiosa, as ondas quebram-se contra o barco colocando-o em perigo. Os discípulos vivem momentos de pânico e de angústia, e Jesus dorme. Da mesma forma, surgem tempestades em nossas vidas: quando as ondas do sofrimento, do desencorajamento nos ameaçam, é o momento de voltar-nos rapidamente para o Senhor e dizer-lhe: “*Senhor, salva-nos, estamos perecendo*”¹⁷. O Senhor dorme, esperando que eu o acorde, ou que eu me acorde?

Com o passar dos anos, nossa fé amadurece, buscamos melhor a inesgotável misericórdia de Deus porque somos mais lúcidas a respeito de nossa fragilidade, de nosso pecado. Apoiamo-nos sobre a fé da Igreja “Senhor, não olheis os nossos pecados, mas a fé que anima a vossa Igreja”, e assumimos como nosso, o grito do salmista:

“*Não me escondas teu rosto, não rejeites com ira o teu servo...*”¹⁸.

Sabemos que, quando Jesus Cristo preenche o nosso coração, nada pode nos separar dele, como diz São Paulo: “*Quem nos separará do amor de Cristo?... nem o presente nem o futuro... nada poderá nos separar do amor de Deus, manifestado em Cristo Jesus nosso Senhor*”¹⁹.

Admiro e rendo graças pelo espírito de fé que existe na Companhia. Nós o recebemos de São Vicente e de Santa Luísa, de tantas e tantas Irmãs que nos precederam. Esta fé, puro dom de Deus, sustentou Irmã Marguerite Rutan até à guilhotina em 1794, conduziu ao martírio as Irmãs de Tianjin em 1870, numerosas Irmãs espanholas entre 1936-1939, concedeu às Irmãs, ceifadas da Companhia pela cortina de ferro ou de bambu, a força de resistir.

Atualmente, a mesma fé sustenta as Irmãs da Eritreia, da Venezuela, de Cuba, do Próximo Oriente, e, aliás, sustenta-nos todas em nossa luta, em nossa oração por um mundo de justiça e de paz. É uma riqueza comunitária que permite a Companhia permanecer fiel ao serviço de Cristo nos pobres; além disso, cada Renovação de nossos votos oferece-nos a ocasião de refletí-los e melhor correspondê-los no concreto de nossas vidas, quer estejamos no Seminário, na paróquia, na missão, numa escola, num hospital, num campo de refugiados, numa obra social, numa casa de repouso.

II. VIVER DE MANEIRA RENOVADA NOSSO ENRAIZAMENTO EM JESUS CRISTO.

O apelo a *viver de maneira renovada nosso enraizamento em Jesus Cristo “fonte e modelo de toda caridade”* convida-nos a aprofundar nosso batismo, que evoca nossa identidade cristã e nossa pertença à Igreja.

A vida de fé precisa ser aprofundada, alimentada. O Documento Interassembleias convida-nos a cultivá-la dando um lugar central a Palavra de Deus “*reconhecer que Deus nos fala na Sagrada Escritura...reencontrar sua força ativa em nossa vida*”²⁰. A recente

Exortação apostólica pós-sinodal “Verbum Domini” oferece-nos numerosos pontos de reflexão para aprofundar a mensagem do Senhor e viver o encontro quotidiano com a Palavra :

*“A leitura da Palavra de Deus..., permite-nos aprofundar o sentido de pertença eclesial e conserva-nos numa familiaridade mais profunda com Deus. Como afirmava Santo Ambrósio, quando tomamos nas mãos, com fé, as Sagradas Escrituras e as lemos com a Igreja, a pessoa humana volta a passear com Deus no paraíso”*²¹.

Por ocasião da audiência aos membros da União dos Superiores gerais , o Papa destacou que a Renovação profunda da vida consagrada parte da centralidade da Palavra de Deus.

*“Sede sempre apaixonados investigadores e testemunhas de Deus!”. “O Evangelho vivido quotidianamente é o elemento que confere fascínio e beleza à vida consagrada e que vos apresenta ao mundo como uma alternativa confiável, afirmou ele. “É disto que tem necessidade a sociedade contemporânea, é isto que a Igreja espera de vós : que sejais um Evangelho vivo”*²².

Santa Luísa e São Vicente nos legaram uma espiritualidade na qual o Cristo é o centro da vocação e da missão das Filhas da Caridade.

*“São chamadas a seguir Nosso Senhor, e por isso, devem afastar-se de tudo o que lhe é contrário, amar só o que Nosso Senhor ama, e louvar tudo o que Ele louva”*²³.

Para Santa Luísa, seguir Jesus Cristo é trabalhar para assemelhar-se a Ele, e que nossa vida seja uma continuação da sua :

*“Como seria razoável que aquelas a quem Deus chamou para seguir seu Filho, procurassem fazer-se perfeitas como Ele, tentando transformar sua vida num prolongamento da sua !”*²⁴.

- As Constituições apresentam-nos **o serviço dos pobres** como *“visão de fé, coloca em prática o amor do qual Cristo é a fonte e o modelo”*²⁵.

O amor de Deus *que foi derramado em nossos corações pelo Espírito*, impele-nos a servir os pobres como Jesus, amando e doando nossa vida por amor a todos... aqueles e aquelas que vivem nas aflições da doença, da fome, do abandono, num clima de violência, as pessoas condenadas à imigração, as marcadas para sempre pelo tráfico ou pela escravidão da droga, do alcoolismo, as dominadas pela solidão, maltratadas pela angustia de estar longe de Deus...

Por ocasião do recente ano jubilar, as Províncias realizaram um grande esforço de reflexão para discernir os serviços prioritários. De sua parte, o Conselho geral lançou à Companhia um apelo missionário em Pentecostes de 2010...

“É o próprio Cristo que todos os dias, nos pobres, nos pede que lhe seja saciada a fome e a sede, visitadas nos hospitais e nas prisões, acolhido e vestido” .

Este ano, a que passo a mais me convída, meu voto de serviço de Cristo nos pobres?

- As Constituições nos apresentam a **castidade** das Filhas da Caridade como uma *“resposta de amor a um apelo de Amor, a castidade implica participação no Mistério Pascal, mistério de morte e vida”*²⁶.

Aprofundemos este belo texto para que nosso dom total a serviço dos pobres seja reflexo de toda sua dimensão de fé e de união com Jesus morto e ressuscitado para nossa salvação.

A castidade exige uma profunda vida interior. As Constituições o acentuam afirmando que *“a íntima união com Cristo, fortificada pela Palavra de Deus, a Eucaristia e o sacramento da Reconciliação, pela oração e a ascese garante-lhes fidelidade”*²⁷.

A castidade conduz ao esquecimento de si, coloca-nos a serviço dos outros, dá-nos a sabedoria para falar ou escutar conforme as necessidades do momento, descentraliza-nos de nós mesmas, e da necessidade de chamar a atenção e a estima do outro, seja por nossos méritos...seja por nossas fraquezas.

Este ano, a que desprendimento a mais me sinto convidada – pessoas, lugar, serviço, amigos, família – para ser fiel ao meu “totalmente doada a Deus” ?

- As Constituições apresentam-nos a **pobreza** das Filhas da Caridade em união à de Jesus Cristo: *“O Filho de Deus assumiu a pobreza em espírito de abandono ao Pai, e como sinal de sua missão no mundo”*²⁸.

Um coração pobre é um coração alegre, livre, agradecido. Assim dizem as Constituições: *“Felizes de não terem outro tesouro senão Ele, dão-lhe graças.....”*²⁹.

Para viver em coerência com a pobreza evangélica e vicentina, precisamos: *“adotar, numa sociedade de consumo, um estilo de vida simples, equilibrado, que respeite o meio ambiente (cf. E. 8d)”*³⁰.

Vivemos as renúncias e a dependência que implicam a pobreza como fez Maria, que em seu Magnificat canta a pobreza da humilde serva?

Este ano, que gesto concreto posso assumir para viver melhor a sobriedade e a simplicidade vicentina, a proximidade e a partilha com os pobres ?

- As Constituições nos apresentam a **obediência** das Filhas da Caridade em união à de Jesus Cristo. *“Toda obediência na fé reproduz a atitude do Filho, que para realizar o desígnio de amor do Pai, fez-se obediente até a morte e morte de cruz”*³¹.

A fé é o que dá à obediência seu verdadeiro sentido. Vejamos como na sua conferência de 7 de agosto de 1650, São Vicente encorajava as Irmãs a pedir esta virtude:

“Aqui tendes, minhas queridas Irmãs, o único meio : pedir esta virtude a Jesus Cristo. Ele é a fonte. Jamais, minhas queridas Irmãs, jamais alcançareis a obediência, a não ser por este meio”³².

Sejamos vigilantes para cortar os apegos que limitam ou anulam nossa generosidade. Tenhamos a coragem de ver quais são nossas resistências, nossos medos, nossas justificativas quando vem o momento de deixar o conhecido, a segurança para ir em direção ao desconhecido.

As Irmãs cujas Províncias vivem um processo de reorganização dão-nos um belo exemplo de coragem e de fé !

Este ano, que posso fazer para viver melhor a disponibilidade, em fidelidade ao meu voto de obediência?

III. CONCLUSÃO

O Reino de Deus não é um programa de ação social que poderia ser executado com o tempo, a paciência e métodos bem elaborados. É Deus, que por seu Espírito, trabalha misteriosamente e que, por vezes, nos dá sinais.

“Deus ama este mundo e nos convida a amá-lo profundamente, a olhá-lo como Ele o olha” (Cf. Gn 1, 31; Jo 3, 16)³³.

Olhemos o mundo com os olhos da fé, para enfrentar os desafios nascidos da indiferença, da incredulidade e do materialismo que procuram dominar os corações dos homens e das mulheres do nosso tempo.

Olhemos o mundo com os olhos da fé, para discernir com a sabedoria evangélica os valores e os contravalores das culturas nas quais vivemos.

Olhemos o mundo com os olhos da fé, constatemos a urgência de atualizar nossa formação doutrinal para saber expressar em que acreditamos, lá onde estamos.

Olhemos o mundo com os olhos da fé, e reafirmemos nossa adesão a Jesus Cristo, vivendo nossa resposta de fé, “em comunhão com a Igreja que nos oferece o Pão de vida a partir das duas mesas, a da Palavra de Deus e a do Corpo de Cristo”³⁴.

Olhemos o mundo com os olhos da fé, deixemo-nos tocar, como o Bom Pastor diante das multidões famintas de Deus, desorientadas, desesperadas e procuremos transmitir-lhes a fé, anunciando por nossa vida, nosso serviço e nossas palavras: “o que ouvimos, o que vimos...”³⁵. O silêncio sobre Deus clama por novas testemunhas!

Enfim, estejamos atentas aos jovens que têm necessidade de ver a beleza do carisma da caridade, a grandeza da missão, ajudemo-los a descobrir os pobres; sejamos para eles testemunhas autênticas de fé, uma fé alegre, vivida na pobreza, na castidade e na obediência!

Como acreditaram São Vicente e Santa Luísa, cremos que Deus não cessa de criar o mundo, e que jamais a injustiça, o sofrimento, a violência triunfarão...porém, o Senhor espera nossa resposta de fé, nossa participação. Ele trabalha em silêncio, no âmago do sofrimento e na desordem do mundo; tem necessidade de nossa adesão. Ele nos fará um dia a mesma pergunta que dirigiu a Marta: “*Eu sou a ressurreição e a vida... crês nisto ?*”³⁶.

Permaneçamos vigilantes, tenhamos óleo em reserva para acolher o Senhor, quando Ele vier. Não sabemos se há esta hora as portas estarão abertas, se será noite, se haverá tempo de ir procurá-lo. Guardemos o óleo necessário para que esteja acesa a lâmpada de nossa fé.

Contemplemos a Virgem Maria que ao longo da vida, em sua peregrinação, realizou da maneira mais perfeita, a obediência na fé. Ela acolheu o anúncio do anjo, acreditando que nada era impossível para Deus. Recebeu a saudação profética de Isabel: “*Bem-aventurada aquela que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido*”³⁷. Maria jamais deixou de acreditar no cumprimento da Palavra de Deus. Por esta razão, a Igreja venera nela a mais pura realização da fé.

Em nome de todas, agradei ao Padre Gregory por sua animação espiritual e vicentina e expressei ao Padre Patrick nossa gratidão. Da mesma forma, enviei ao Padre McCullen, ao Padre Maloney, ao Padre Quintano, ao Padre Javier, à Mère Duzan e à Mère Elizondo uma respeitosa e reconhecida saudação, acompanhada de nossas preces em suas intenções.

Com afetuosa dedicação e a certeza de minhas preces,

Irmã Evelyne Franc
Filha da Caridade

NOTAS:

¹ Cf. Rezar 15 dias com São Vicente de Paulo, p. 33-35

² Cf. Coste XIII, p. 127

³ Santa Luísa de Marillac, Escritos espirituais, E.2 (A.15 bis) pág. 779

⁴ Santa Luísa de Marillac, Escritos espirituais, E.21 (A.15) pág. 806

⁵ Cf. Jo 14, 26

⁶ Lc 9, 20

⁷ Lc 9, 20

⁸ Sl 27,1

⁹ Sl 62,7

¹⁰ Hb 11, 1

¹¹ Jo 14, 1-3

¹² Cf. Documento Interassembleias 2009-2015, pág.11

¹³ Cf. Lc 10, 21

¹⁴ Cf. Documento Interassembleias 2009-2015, pág.21

¹⁵ 2 Tm 1,12

¹⁶ Gl 2,20

¹⁷ Mt 8, 25

¹⁸ Sl 27,9

¹⁹ Rm 8, 35-39.

²⁰ Documento Interassembleias 2009-2015, pág. 9

²¹ Bento XVI, Verbum Domini, n° 87

²² Bento XVI, aos Superiores e Superiores gerais em 26 de novembro de 2010

²³ Conferência de 2 de novembro de 1655, pág. 560

- ²⁴ Santa Luísa à Joana Lepintre, C.384 (L. 328), Escritos espirituais, pág. 421
²⁵ C. 16b.
²⁶ C. 29b
²⁷ C. 29d
²⁸ C. 30a
²⁹ C. 30a
³⁰ Documento Interassembleias 2009-2015, pág. 11
³¹ C. 31a
³² Conferência de 7 de agosto de 1650, pág. 346
³³ Documento Interassembleias, pág. 7
³⁴ Cf. Sacramentum Caritatis, 44
³⁵ Cf. 1 Jo 1, 1
³⁶ Jo 11, 25-26
³⁷ Lc 1, 45

COM MARIA DA ANUNCIAÇÃO, ACOLHER O ESPÍRITO

Cada festa da Renovação é para a Companhia um tempo forte para se deixar elevar pelo Espírito, este Espírito que conduziu Maria a fazer seu o Projeto de Deus. É este mesmo Espírito que continua a conduzir as Filhas da Caridade e permite a Deus, ainda hoje, manifestar-se.

O COLÓQUIO EXTRAORDINÁRIO DE MARIA COM O ANJO GABRIEL

Na cena da Anunciação, a comunicação entre Maria e o anjo Gabriel permitiu que o Projeto de Deus assumisse uma fisionomia. Este colóquio foi possível graças a atitude de escuta de Maria e de sua busca da vontade de Deus.

Quando o anjo Gabriel se dirige à Maria, lhe diz palavras inesperadas; Maria está muito perturbada, escuta mas não compreende imediatamente. No entanto, abre seu coração e deixa que estas palavras ressoem para tentar compreendê-las.

Ela disse ao anjo Gabriel: *“Como isso acontecerá ?”* Esta pergunta é um convite para ouvir uma informação complementar. O anjo está disposto a dar-lhe todas as explicações necessárias: *“O Espírito Santo virá sobre ti”*.

O diálogo entre Maria e o anjo Gabriel mostra como uma comunicação pode fazer o Reino de Deus acontecer. É a qualidade da escuta que abre um caminho para Deus, para que Ele possa dirigir sua Palavra e, é a disponibilidade do coração que permite a Deus de dar corpo à sua Palavra.

NOSSOS COLÓQUIOS COMUNITÁRIOS À LUZ DA CENA DA ANUNCIAÇÃO.

Nossos colóquios comunitários são lugares privilegiados onde o Espírito Santo pode continuar sua obra em nossos corações. No entanto, entramos na dinâmica da escuta e da disponibilidade, estes intercâmbios podem permitir a Deus continuar sua manifestação.

Em toda partilha comunitária, o diálogo existe se escutamos nossas Irmãs com uma qualidade de atenção e se as convidamos a especificar o que querem dizer quando não as

compreendemos. Em um tal diálogo, trata-se de um intercâmbio de perguntas e respostas até que cada um compreenda o outro e que, de repente, alguma coisa nova nasça, algo que é maior que nós mesmos.

Maria da Anunciação nos ensina a nos colocarmos a disposição de Deus e de nossas Irmãs como servas. Nos convida a escutar a mensagem que os “anjos” de nossas Comunidades podem nos comunicar.

Com Maria, discernamos os sinais do Espírito através de nossas Irmãs, dos pobres e dos acontecimentos e “*deixemo-nos transformar pelo Espírito*”.

Irmã Anne Prévost
Filha da Caridade

HOJE COM OS FUNDADORES

PROVÍNCIA DA TAILÂNDIA

A COMUNIDADE DE MAE SOT, NA FRONTEIRA DA TAILÂNDIA E DE MYANMAR

“Este serviço nutre sua contemplação e dá sentido à sua vida comunitária, assim como à relação com Deus e à vida fraterna em comum, revigoram sem cessar o compromisso apostólico” (C. 16b).

Visão do Contexto

Assim que a Igreja incitou uma particular atenção aos problemas crescentes, causados pela migração em nível mundial, com o documento: “*Erga Migrantes Caritas Christi*” (*A caridade de Cristo para com os migrantes*), os Superiores decidiram fundar uma Comunidade na fronteira noroeste da Tailândia e de Myanmar (Birmânia) próximo da cidade de Mae Sot. O Bispo ofertara a possibilidade da implantação em vários lugares, porém a decisão tomada foi de viver o mais próximo possível com os pobres.

Mae Sot é uma vila tailandesa que acolhe milhares de refugiados birmaneses, está situada na diocese de Nakhon Sawan. Criada em 19 de dezembro de 2004, a Comunidade foi instalada no centro da aldeia Ban Maetaomai, a 18 km da cidade de Mae Sot. A aldeia é habitada em sua maioria, por migrantes birmaneses que trabalham nos campos e nas fábricas. Inicialmente, a Comunidade contava apenas com três Irmãs.

Nós, Filhas da Caridades, somos o único grupo católico da aldeia. Levantamos às 4h30, pois devemos percorrer 18km para ir à Igreja. Nossa meditação da manhã é alimentada pela visão de caminhões que transportam barras de ferro e de migrantes que vêm para Bangkok e regressam para suas casas. Descobrimos rapidamente a maneira de viver desses migrantes agrupados nas grandes cidades com o objetivo de ganhar sua vida. À noite, eles atravessam com frequência nossa aldeia, depois partem à pé em direção as montanhas, longe dos postos de controle da polícia.

A cidade tailandesa de Mae Sot é considerada por numerosos jornalistas como a “Pequena Birmânia” pois os migrantes birmaneses constituem 75% de sua população. Nossa aldeia Ban Maetaomai conta somente com 7 fábricas nas quais 99% dos trabalhadores são migrantes : fabricam móveis de bambu, tecem ou costuram roupas locais, todas destinadas à exportação. Estamos à 10 km da cidade. Falar a língua dessas pessoas que queremos servir é um verdadeira dificuldade, mas graça aos seus conselhos, conseguimos, pouco a pouco, antever como nos engajar e enfrentar os desafios. O que partilharemos agora está centrado unicamente em nosso serviço junto aos refugiados de Myanmar.

O povo de Karen é um grupo étnico minoritário da Birmânia. Desde a metade do século, os Birmânios procuram assumir o controle do estado de Karen. Perseguidos, se refugiam progressivamente nas montanhas. Atualmente, cerca de um milhão de karenes vivem ao longo da fronteira tailandesa. Dentre os quais, a metade são de refugiados vindos do interior. Eles devem fugir continuamente pois, suas aldeias são regularmente queimadas pelo exército birmânico. Cerca de 10 à 15 % dos karenes são cristãos, o restante da população é budista ou animista.

Os sinais de esperança num mundo de injustiça

Deus manifesta-se através dos sinais dos tempos, dos acontecimentos. Eis a história de nossa amizade com M. Ehya, um refugiado do campo de Umphiang e com Nicolas, um professor do Campo de refugiados de Maela.

EHYA, UM REFUGIADO DO CAMPO DE UMPHIANG.

Numa manhã de domingo, um homem esperava à porta de nossa casa, pois, desejava ir à Missa. Ao ouvir que haviam Irmãs Católicas na aldeia, ele supôs que haveria uma celebração eucarística em nossa casa. Era Ehya, um imigrante católico de Myanmar. Após obter a permissão das autoridades do Campo de refugiados de Umphiang (distante a 150 km da residência), a família de Ehya veio instalar-se em Ban Maetaomai. Ele tornar-se nosso primeiro jardineiro e nos ajuda à plantar legumes e cultivar peixes em nossa propriedade. A esposa de Ehya, Mimyo, budista, amamentava seu 4º filho. O padre da paróquia autorizou Ehya à construir uma pequena cabana de bambu em um terreno baldio, pertencente à diocese, próximo de nossa casa. Matriculamos Cristina de 5 anos na escola pública da aldeia e colocamos os dois pequenos (Elizabeth, 3 anos, Michael, 2 anos), em nosso Centro de acolhimento. Durante os primeiros meses, estas duas crianças são apenas espectadores. Quando eles dançam, inclinam somente seus corpinhos da esquerda para a direita. Parecem

hesitantes quando veem as outras crianças brincando de bola. Algum tempo depois, graça a uma boa alimentação, vitaminas e repouso, sua saúde melhora; são mais dinâmicos, brincalhões e integram-se melhor com os outros filhos de imigrantes vindo das fábricas vizinhas. Em pouco tempo, Elizabeth e Michael cantam, dançam, e acompanham o programa infantil na televisão.

Infelizmente, um dia, a esposa de Ehya desapareceu. Mais tarde, soubemos que Mimyo tinha sido contratada por um grupo que protegia as pessoas refugiadas removidas das aldeias de Karenes.

Rezamos dia após dia pela segurança de Mimyo, ajudando Ehya em tudo para cuidar de seus filhos. A fé profunda de Ehya na divina Providência era, para nós, uma fonte de coragem.

Um ano depois, recebemos uma ordem das autoridades exigindo que Ehya voltasse ao campo de refugiados de Umphiang. Pouco depois, Mimyo regressou para seu marido e seus filhos. Quando perguntamos o que tinha acontecido na montanha, ela respondeu : “eu queria simplesmente ajudar meu povo e ganhar um pouco de dinheiro para sustentar Ehya, mas na realidade, fizeram-me utilizar armas” E acrescentou: “ não lhe falei nada sobre esse projeto porque sabia que não iriam me permitir”.

No dia de partir, Mimyo colocou-se de joelhos e nos pediu perdão. Éramos incapazes de dizer uma palavra, deixamo-nos evangelizar por seu ato de humildade e de sinceridade. Após os abraços, demos-lhe algumas roupas e um pouco de alimento, sabendo bem como se vive em um campo de refugiados. Antes do fim do ano, Mimyo pediu o batismo católico para ela e seus quatro filhos; enfim, eles se casaram na Igreja. Até o presente, a família está aguardando sua vez para serem enviados a um novo país de acolhimento.

Nícolás, professor no campo de refugiados em Mae La

O campo de refugiados de Mae La está situado a 70 km da cidade de Mae Sot. É uma área de acesso limitado, as condições de existência são terríveis. Tanto homens como mulheres são desprovidos de tudo, despojados de sua cultura e de sua dignidade humana. As organizações internacionais trabalham no interior do campo para melhorar o quotidiano de todos estes refugiados de diferentes confissões: budistas, muçulmanos, católicos.

Graça a estas organizações internacionais, recebemos um passe livre. Então, com um intérprete Karene, chamado Mestre Nícolás, começamos a visitar as famílias católicas. Após reflexão, elaboramos um projeto pastoral. Como voluntários, tínhamos a preocupação de animar e de sustentar a fé desta comunidade cristã composta de homens e mulheres aguardando serem enviados para um 3º país de acolhimento, o que significa frequentemente, uma espera de longos anos. Através de nosso serviço no interior do campo, nosso amor e nosso respeito aos refugiados não para de crescer.

Participamos da missa em “Karen”, reunimos as crianças e os jovens para algumas atividades. Nícolas, convertido e ex-seminarista de Rangoon (antiga capital da Birmânia) dirige um Centro de estudos para mais de 200 crianças. Nícolas tinha a preocupação de contribuir com o desenvolvimento de seu grupo étnico Karen mas, após terminar a Filosofia, conscientizou-se que isto não seria através do sacerdócio. Seu caminho o conduziu até o campo de refugiados de Nupo onde lecionou ciências na Academia Anglicana. Depois, envolveu-se na rebelião Wanka contra os soldados do exército birmânico que continuam a tyrannizar o povo Karene queimando suas aldeias.

Após ter encontrado antigos amigos, Nícolas sentiu-se encorajado para ir ao campo de Mae La onde se tornou o líder da comunidade católica. Todas as crianças de seu centro, quer sejam católica ou não, aprendem como rezar. Cada vez que existem pessoas que querem visitar o campo, Nícolas tem um porta-voz disponível. Sua profunda fé, a de sua esposa e de seus filhos, bem como de um grande número de seus alunos, nos encoraja a espera um futuro melhor.

O que Nícolas lamenta é de não ter podido rever sua mãe antes de morrer. Mas, este acontecimento reforçou sua união à ela e sua confiança na misericórdia infinita de Deus.

Em 2008, Nícolas partiu com sua família para a Austrália. Antes de nos deixar, disse aos refugiados : *“Orai sem cessar ! Orai à nossa Senhora do Rosário ! Tenham confiança em Deus, permaneçam abertos a vida e à fraternidade entre vós!”* Nícolas continua unido ao Campo de Mae La. Quando confiou seu Centro de estudos ao seu primo, a última lição que deu às crianças foi: *“Meu Bispo me ensinou, quando eu estava na escola primária, de nunca deixar passar um dia sem rezar um Pai nosso, uma Ave Maria e um Glória ao Pai”*.

CONCLUSÃO:

Nunca agradecemos o suficiente à Deus do privilégio que nós é dado de poder partilhar nossa vida com nossos irmãos migrantes e refugiados. É o nosso sexto ano de serviço na fronteira. Como responsáveis dos organismos públicos e privados que trabalham na cidade de Mae Sot, muitas vezes temos que repetir as mesmas coisas: apresentar-se em um encontro com uma ONG, acolher as novas autoridades governamentais e os oficiais da polícia, colaborar, etc. É preciso também acolher as novas situações como o apelo do Documento interassembleias 2009-2015: *“Guiados pela Palavra de Deus, apaixonadas pelo mundo aonde fomos enviadas, nós nos comprometemos juntas a responder aos apelos do Espírito, hoje”*

*Irmã Teresa F. BALAIS
Filha da Caridade*

VISITA DOS SUPERIORES

PROVÍNCIA DO PARAGUAI

VISITA DE IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL E IRMÃ ILIANA SUAREZ, CONSELHEIRA GERAL DE 28 A 30 DE JULHO DE 2010

No dia 28 de Julho de 2010, em Assunção, a Casa Provincial está pronta para acolher a Superiora Geral, em visita a Província do Paraguai. As Irmãs acolhem calorosamente Irmã Evelyne Franc, feliz em cumprimentar cada uma. Chegando à Casa Provincial, as visitantes são recebidas com alegria e emoção. Um coral executa três canções do folclore nacional acompanhado de violões. Alguma palavras de boas vindas salientam o quanto é bom e maravilhoso receber na Província aquela que sucede Santa Luísa! Enfim, duas jovens e uma criança de seis anos apresentam duas danças do país.

Após o momento de acolhida, Irmã Evelyne e Irmã Iliana reúnem-se com o Conselho Provincial, em seguida as Irmãs Serventes e enfim, com todas as Irmãs da Província para sessões de informação, reflexão e de partilhas. Durante estes três dias, todas as Irmãs da Casa Provincial aproveitaram ao máximo das palavras simples e entusiasmantes de Irmã Evelyne. As Irmãs idosas que moram na casa “Irmã Ana Elisabete Seton”, não podendo se dirigir até a Casa Provincial, tiveram a alegria de receber a visita de Irmã Evelyne em sua casa em Lambaré. Com muita criatividade, as Irmãs idosas expressaram seu reconhecimento e sua afeição, com espírito de fé que lhes é característico. Irmã Evelyne destacou a internacionalidade da comunidade composta de Irmãs paraguaias, japonesas, espanholas e o testemunho de unidade dado pelas Irmãs.

Depois, Irmã Evelyne e Irmã Iliana, acompanhadas da Visitadora e das Irmãs, fizeram uma peregrinação ao Santuário de Caacupé para oferecer a Província à Virgem de Serrana, como fez Santa Luísa à Chartres no começo da Companhia. Com cinco Lazaristas e um diácono, o Bispo da diocese, Dom Cláudio Gimenez aguarda as visitantes. Durante a celebração, centrada sobre a luz, Irmã Evelyne conduz até o altar uma grande vela simbolizando o carisma da Companhia. Em seguida, a entrega à Visitadora e as Irmãs Serventes que acendem uma pequena luminária e depositam aos pés da Virgem de Caacupe. Durante a homilia, Dom Cláudio ressalta o valor de todas as vocações e a importância de vivê-las. Ele dá o exemplo das Filhas da Caridade.

Durante a visita, a liturgia quotidiana coloca em destaque uma imagem que ressalta um aspecto de nossa vocação. A primeira, ao som da harpa, evoca o tema de nosso folclore: “A CACHOEIRA” representando água cristalina que se rebenta entre as pedras. Seis Filhas da Caridade, com um traje branco do país, lembram a simplicidade da vocação da Filha da Caridade. A segunda representa a presença da “MÃE DA LUZ”. Durante uma dança, quatro Irmãs ressaltam quatro velas simbolizando A FÉ, A PAZ, O AMOR E A ESPERANÇA. Em seguida, acendem-se todas as luminárias dos participantes e toda a assembleia entoia um canto : “Mãe

da Luz”, pedindo à Maria que esses quatro dons não se apaguem jamais em nós. Na última Eucaristia, “A MÚSICA” de nosso folclore: “CURUZU VERA” (Cruz luminosa), representando os símbolos dos temas do ano jubilar, ilustrados por trechos da carta de Irmã Evelyne.

No momento do adeus, no aeroporto, uma só palavra saía de nossos lábios: OBRIGADA! Obrigada a Deus que nos ofereceu este belo presente; Obrigada à Irmã Evelyne e à Irmã Iliana. Vivemos três dias plenos de serenidade, de paz e de fraternidade. Agora, nos engajaremos ainda mais para semear e cultivar as resoluções do Documento Interassembleias em cada uma de nós, nossas Comunidades locais e toda a Província. Foi isto que nossa Visitadora repetiu em sua palavra de despedida, concluindo com o canto “Ñemity”.

Uma Irmã da Província.

Visita dos Superiores

PROVÍNCIA DA ESLOVÁQUIA

**VISITA DE
IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL
E IRMÃ ŽOFIA DANIŠČÁKOVÁ, CONSELHEIRA GERAL
DE 20 A 23 DE AGOSTO DE 2010**

Neste Ano Jubilar do 350º aniversário da morte de nossos Fundadores, a Comunidade das Filhas da Caridade de Nijnij Tagil celebraram seu pequeno jubileu de 10 anos da chegada das primeiras Irmãs na Rússia. Nesta celebração estavam igualmente presentes a Visitadora da Província da Eslováquia, Irmãs Alžbeta Vološinová e uma Conselheira provincial, Irmã Štefánia Novákova.

GEOGRAFIA DO PAÍS E SUA SITUAÇÃO

A Federação Russa é um dos maiores países do mundo, uma vez e meia maior que toda a Europa. Está situada nos continentes da Europa e da Ásia. O lado europeu é separado do lado asiático por uma cordilheira, os Montes Urais, próximo da qual está construída a cidade de Nijnij Tagil.

As condições climáticas não favorecem a agricultura, por isso, a ênfase é sobre o grande número de indústria. Além disso, nesta região encontram-se quase todos os minerais e matérias-primas energéticas. A cidade tornou-se um imenso centro industrial e atualmente possui 350 mil habitantes. Pode-se notar ainda as fábricas construídas na época do Czar Pedro 1º, bem como as que foram construídas durante o governo soviético. As indústrias mais importantes são : a metalúrgica de ferro e metais, a produção de aço, armas, máquinas, meios de transporte, produtos químicos, material de construção, etc. Essas grandes empresas não se adaptam muito ao sistema de mercado atual, causando o declínio da produção. A consequência é o aumento da inflação, do desemprego, da criminalidade, da pobreza das famílias onde os jovens e as crianças estão mais expostos a esses perigos.

Um dos graves problemas é a tuberculose que afeta um grande número de doentes e se propaga rapidamente nas camadas sociais mais baixas, sobretudo os sem abrigo e os prisioneiros que entram em liberdade.

É alarmante o declínio moral, sobretudo nas famílias. É o resultado de sete décadas da educação soviética.

Com a “perestroika”, o país abriu-se aos missionários de diferentes nacionalidades e credos. A Igreja Ortodoxa russa possui a mais importante posição e influência. Os habitantes declaram-se cristãos ortodoxos, mas muitas vezes somente por tradição e por um certo patriotismo. A porcentagem de católicos praticantes é pequena. A Igreja Católica vive na diáspora e a maioria de seus membros têm raízes polonesas e alemãs. A Paróquia de Nijnij Tagil pertence à diocese de Novossibirsk, na Sibéria ocidental.

A MISSÃO DAS FILHAS DA CARIDADE EM NIJNIJ TAGIL

Quatro Filhas da Caridade da Província da Eslováquia chegaram em 20 de abril de 2000 nesta Paróquia administrada por três Padres da Missão. As Irmãs orientaram inicialmente seu serviço no apoio espiritual da paróquia e nas atividades sociais para as pessoas desfavorecidas.

1º projeto: com a colaboração da escola do bairro, as Irmãs abriram o **clube das crianças “Zabota”** (em português “Cuidado”). Oferecem uma assistência integral fundamentada nos princípios cristãos às crianças e adolescentes, sobretudo aqueles cujos pais são alcoólatras, na prisão, os migrantes ou famílias monoparentais, etc.

2º projeto : em colaboração com os centros de saúde, **ajudam as pessoas afetadas pela tuberculose e sem domicílio fixo (S.D.F)** as Irmãs procuram ajudá-los com materiais e alimentação, dão entrada para obtenção do documento de identidade e outros documentos, os acompanham nos hospitais e fazem visitas domiciliares.

3º projeto: **ajuda às pessoas dependentes bem como seus familiares** - trata-se de um serviço de consulta, de organização de seminários e de acompanhamento de grupos.

VISITA DOS SUPERIORES

Esta visita aconteceu em três momentos:

1. Encontro nos locais de serviço dos pobres.
2. À luz da fé, partilha da vivência de nossa vocação de Filhas da Caridade na Rússia.
3. Conferência da Superiora geral, Irmã Evelyne Franc.

1. ENCONTRO NOS LOCAIS DE SERVIÇO DOS POBRES.

As crianças do clube “Zabota”, com as Irmãs e as pedagogas, prepararam um mini programa cultural apresentando os 10 anos de desenvolvimento deste clube. Mostraram sua criatividade e habilidade, mas sobretudo a alegria de que o clube é um abrigo, um lugar onde são compreendidos e ajudados nas suas dificuldades.

No dispensário antituberculosos, nossas visitantes foram acolhidas pelos pacientes e pelos médicos, que partilharam suas preocupações, mas também suas esperanças. Expressaram seu reconhecimento pela ajuda e colaboração recebida através das Irmãs. Nossas convidadas visitaram igualmente as casas especiais para os doentes tuberculosos.

No domingo pela manhã, após a missa, nossas visitantes se encontraram com os paroquianos. A paróquia é dedicada a Nossa Senhora de Fátima que pediu orações para a Rússia. E agora, quase 100 anos depois, somos testemunhas dos milagres, das conversões, da busca de Deus e da vida da Igreja na Rússia.

2. A LUZ DA FÉ, PARTILHA DA VIVÊNCIA DE NOSSA VOCAÇÃO DE FILHAS DA CARIDADE NA RÚSSIA.

Sexta-feira à noite, a Eucaristia foi presidida pelo Bispo local, Dom Josef Wert que concelebrou com os Padres da Missão. Juntos, rendemos graças pelos 10 anos vividos neste mesmo lugar dos novos mártires, onde o sangue de pessoas que sofreram com o regime de Stalin e com o comunismo foi derramado. Os celebrantes deram graças a Deus pelo caminho de descoberta, de busca e de resposta aos apelos dos pobres.

Em seguida, a visita continuou na Comunidade. Na apresentação, falamos de suas origens, do lugar das primeiras Irmãs numa nova cultura, entre uma minoria católica. Avaliamos o desenvolvimento do serviço dos pobres descobertos progressivamente pelas Irmãs e a procura das mais adequadas formas de serviço. Irmã Michaela testemunhou a experiência vivida no início da missão em Nijnij Tagil. Em seguida, meditamos sobre o “Ícone da Misericórdia” pensando nas histórias da humanidade e em nossos esforços para encontrar resposta à luz do Evangelho, “Como agiria Jesus Cristo?”. Foi o tempo do recolhimento e da escuta.

3. CONFERÊNCIA DA SUPERIORA GERAL

Nos primeiros dias, Irmã Evelyne escutou as Irmãs com muita atenção. Visitou os lugares do serviço dos pobres e rezou conosco. Domingo à tarde, dirigiu-se às quatro Irmãs de uma maneira especial. Sentimos sua proximidade e sua profunda compreensão da situação do país. Partilhou sua experiência e suas inspirações com relação a busca de novas respostas aos desafios descobertos.

NOSSAS IMPRESSÕES APÓS ESTA VISITA:

- Estamos mais conscientes de sermos enviadas às nações para anunciar o Cristo neste setor onde a diversidade das nacionalidades é importante. Irmã Evelyne nos encorajou a dar graças pelo dom de nosso batismo, de nossa vocação e de nossa pertença à Companhia...

- De maneira mais intensa escutamos novamente que nossa missão “ad-gentes” é um lugar de crescimento e um apelo para ir sempre mais longe. Irmã Evelyne insiste sobre a necessidade de colaborar com os outros.

Em seguimento de Santa Luísa que visitava as Irmãs nas paróquias mais distantes, Irmã Evelyne vivenciou esses três dias conosco, sem parar de nos encorajar. Damos graças a Deus pela proximidade de nossos Superiores e seus encorajamentos.

Irmãs de Nijnij Tagil

VISITA DOS SUPERIORES

CAZAQUISTÃO (PROVÍNCIA DE CHELMNO)

VISITA DE
IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL
E IRMÃ ZOFIA DANISCAKOVA, CONSELHEIRA GERAL

DE 24 - 28 DE AGOSTO DE 2010

Em 2010, as Filhas da Caridade do Cazaquistão celebraram o 10º aniversário de sua chegada nesta terra de missão. Foi uma ocasião para convidar nossa Superiora Geral, Irmã Evelyne Franc.

Em 24 de agosto de 2010, pela manhã, no aeroporto de Astana, acolhemos Irmã Evelyne e Irmã Zofia Danisakova, Conselheira geral e dirigimo-nos para Chortrandy, o primeiro lugar onde as Filhas da Caridade foram estabelecidas no Cazaquistão.

No final da Eucaristia, celebrada pelo Padre Stanisław Chorągwicki, cm, na Igreja paroquial, participamos da bênção do quadro de Santa Luísa em comemoração ao 10º

aniversário da presença da Família Vicentina nesta paróquia. Depois, o quadro foi colocado próximo ao de São Vicente.

Em seguida, Irmã Evelyne contempla a exposição dedicada aos 350º aniversário da morte de nossos Fundadores e do 10º aniversário da chegada das Filhas da Caridade no Cazaquistão.

Na parte da tarde, as visitantes encontraram-se com as 9 Irmãs presentes atualmente no Cazaquistão, que compõem três comunidades. Com a ajuda de um Power-Point, apresentaram o contexto geográfico, social e religioso do Cazaquistão. Depois as três Irmãs Serventes mostraram a missão da Comunidade junto aos pobres.

As crianças do jardim de infância de **Szortandy** oferecem uma pequena representação: algumas canções nas línguas cazaque e russa, explicação dos símbolos nacionais, da bandeira do Cazaquistão ofertados às nossas visitantes. Logo após, Irmã Evelyne expressou-lhes sua alegria de encontrá-los, perguntou-lhes seus nomes, interessou-se por suas famílias e os encorajou a estudar e progredir no bem e a se oferecer com confiança a Virgem Imaculada.

Depois chegou o momento de visitar a Primeira Comunidade em **Chortandy**: pequena casa típica da região, onde, há 10 anos as primeiras Irmãs foram instaladas. Em visita à pequena cidade foi possível conhecer as condições de vida da população, a diversidade das culturas e das religiões. Na manhã seguinte, Irmã Evelyne e Irmã Zofia visitaram os doentes pobres, cuidados pelas Filhas da Caridade. Após ter encontrado Daria, uma pobre de 93 anos muito corajosa, e Raisa, uma cigana que, apesar de sua pobreza, tinha preparado para a ocasião bolos e doces, partiram para à **Nowokubanka** onde a comunidade paroquial as aguardavam na Igreja. Lá, foram acolhidas segundo a tradição com o “karawai”, que significa “pão”. Inúmeras crianças e jovens apresentaram também cantos e danças, as crianças da escola maternal interpretaram uma peça sobre o bom pastor. Em seguida, uma das mais idosas paroquianas, contou a história de sua chegada no Cazaquistão, explicando a situação das pessoas deportadas nos campos.

Em seguida, Irmã Evelyne e Irmã Zofia vão para **Andriyevka** (uma das aldeias da paróquia das Irmãs) para participar da Eucaristia. Os paroquianos, os mais idosos e aqueles que foram deportados entoaram um cântico em polonês em honra as visitantes. Finalmente, as Irmãs partem para a cidade de **Novokaukazie**, um outro lugar onde as Filhas da Caridade servem os pobres, depois para **Piotrovka**, um lugar de oração. De volta à **Nowokubanka**, as visitantes encontram-se com outra família pobre e duas mães solteiras que estão sob os cuidados das Irmãs, no quadro do projeto realizado com a Igreja Luterana “Cada criança tem sua família”. Estes encontros são uma ocasião excepcional para partilhar as reflexões e as experiências das Irmãs sobre o seu serviço missionário. Irmã Evelyne escuta-as atentamente e responde às suas questões.

O Terceiro dia foi dedicado à **Astana**. As Irmãs habitam no bairro mais pobre da cidade, colaboram com a paróquia dos Padres Franciscanos. A bênção de um novo espaço para as crianças brincarem é um momento particularmente feliz. Esta ocasião reuniu o Bispo local, os Padres Franciscanos com seu novo Superior geral em visita igualmente ao Cazaquistão, as Filhas da Caridade com sua Superiora Geral, crianças e adultos dos arredores.

Após o encontro na cúria episcopal, o Arcebispo Dom Tomasz Peta expressa seu reconhecimento pela presença das Irmãs no Cazaquistão. Irmã Evelyne e Irmã Zofia

descobrem Astana, cidade cheia de contrastes, com bairros muito modernos e ricos e outros extremamente pobres. Ao visitar os Pobres em suas casas, Irmã Evelyne conheceu de perto esta terrível realidade.

Depois, as Irmãs partiram para a aldeia **Malinovka** onde visitaram o Museu do campo de concentração de Akomoli, para mulheres, traidoras da nação. Este local faz memória ao sofrimento de milhares de pessoas perseguidas, fisicamente e moralmente, durante o longo período de 1930 à 1956.

No último dia, Irmã Evelyne visita os pobres que as Irmãs de Chortandy servem, entre outros, os moradores da casa de retiro em Damaia. Durante as conversas, os residentes contam suas histórias dolorosas, testemunhando ao mesmo tempo sua força de caráter. Mas, é sobretudo, um jovem deficiente, Denis, que a impressionou através da vontade de superar seu sofrimento e viver normalmente. As Filhas da Caridade de Chortandy ficaram maravilhadas por seu testemunho durante a preparação aos sacramentos. Finalmente, em Barychevka, Irmã Evelyne conheceu Lena, uma pobre mulher de 96 anos, também extraordinária, que em tempos difíceis, reunia as pessoas em sua casa para rezar e manter a fé.

No final da visita, Irmã Evelyne expressa sua gratidão por ter encontrado as Irmãs e conhecer pessoalmente seu trabalho no Cazaquistão. Nos encoraja à sermos fiéis as Constituições, a rezar com a Palavra de Deus e de partilhá-la alegremente com outros, sobretudo com os pobres e os jovens. Lembra que o serviço dos pobres é uma ocasião para transmitir o carisma, e talvez, um dia, as vocações nascerão nesta terra. Convida-nos a partilhar a experiência do que temos vivido em missão e como esta vivência nos transformou. Este intercâmbio nos enriqueceu muito.

Para terminar, Irmã Evelyne nos recomenda mais uma vez, a discernir em comunidade as necessidades dos pobres e de respondê-las em comunidade. Enfim, nos encoraja a estudar o cazaque para melhor servir os pobres e aprofundar, pessoal e comunitariamente, os escritos de Santa Luísa. Depois, ela proferiu uma conferência sobre “ **O retrato de Santa Luísa**”.

1. *Santa Luísa - modelo de vida:*

O que caracteriza Santa Luísa é a sua constante busca da Vontade de Deus. Ela discerne os sinais de Deus através dos intermediários. Contempla a humanidade de Jesus no Evangelho. Profundamente enraizada em Jesus, esforça-se em reproduzir em sua vida as atitudes de Jesus. Medita particularmente o mistério de seu batismo e procura ser o mais aberta e disponível possível à ação do Espírito Santo.

2. *Santa Luísa - instrumento divino para a condução da Companhia.*

O testamento espiritual de Santa Luísa é o resumo de sua vida e de sua obra. Sua mensagem é um apelo à vivê-lo.

3. *Santa Luísa - guia para o caminho de fidelidade à vocação.*

Santa Luísa insiste muito sobre o testemunho comunitário. Encoraja a uma formação contínua e ao aprofundamento da vida espiritual. Convencida que a prática da pobreza protegerá a Companhia, ela recomenda o amor à pobreza.

4. *Santa Luísa - guia para o caminho do serviço dos pobres.*

Santa Luísa tem paixão pelos pobres, todos são amados por ela, sem exceção. Colocando um olhar de fé sobre cada um, tem para com eles um comportamento muito humano e respeitoso. Associa o serviço corporal ao serviço espiritual.

5. Santa Luísa - guia para a vida comunitária.

Santa Luísa ama as Irmãs, mantém uma relação próxima e fraterna. Excelente pedagoga, tolerante e boa, encoraja as Irmãs a sempre progredir a partir das etapas sucessivas.

6. Santa Luísa - guia de amor filial à Virgem Maria

A peregrinação a Chartres, a novena à Imaculada Conceição são os exemplos de seu amor e de seu respeito por Maria. Jamais amamos suficientemente a Virgem Maria: ela nos ensina a fazer tudo o que seu Filho nos diz.

Após agradecer à Irmã Evelyne por sua visita ao Cazaquistão, particularmente sua escuta atenta das Irmãs e aos pobres que servimos, demos graça ao Senhor, com os paroquianos, durante a Eucaristia. No fim da celebração, uma das paroquianas expressou ainda, sua gratidão pela presença das Filhas da Caridade na terra cazaque durante estes dez anos.

Esperamos que esta visita ao Cazaquistão possa dar seus frutos em nossa vida pessoal, comunitária, no serviço dos pobres e render glórias a Deus, à nossa Província, e a toda a Companhia.

As Filhas da Caridade do Cazaquistão.

PROVÍNCIA DO EQUADOR

A CRUZ DO CAVALEIRO DA LEGIÃO DE HONRA.

Irmã Teresita Duvignau (Irmã Maria Luísa) é uma Filha da Caridade francesa, missionária, que nasceu em Landes, no dia 23 de dezembro de 1924. Em 2 de novembro de 1968, ela chegou no Equador e serviu aos Pobres em Riobamba, Latacunga, Santo Domingo, em muitos outros lugares, entre os quais, em Chimborazo Missão Flores.

Na Missão Flores, onde trabalha desde 29 de dezembro de 1991, está engajada com os excluídos, para que vivam com dignidade. Seu projeto está voltado para a educação e a saúde a fim de assegurar uma melhoria substancial na qualidade de vida dos residentes.

A República Francesa concedeu à Irmã Maria Luísa a medalha de Cavaleiro da Legião de honra por seu trabalho com os indígenas em Zamora e na Missão Flores da Província de Chimborazo. No dia 12 de Novembro de 2010, em Quito, antes de lhe entregar a condecoração, o embaixador da França no Equador, destacou em sua intervenção, o trabalho que a Irmã Teresita tem realizado no Equador desde 1968, doando-se com generosidade: “Irmã Teresita soube como se fazer próxima dos pobres, e entre os mais pobres, os indígenas. Ela chegava a pé, a cavalo, ou utilizava todos os meios que lhe permitissem chegar até eles”. Em uma outra parte de sua intervenção, o Embaixador salientou o carisma particular da Irmã Teresita, sua capacidade de animar os outros, de defender a causa dos pobres, é por isso que ela constituiu na França um centro de apoio econômico à missão.

Eis na íntegra a alocução que pronunciou após a sua condecoração: “*Não construí escola, nem dispensários, nem capelas. Eu sirvo os pobres. Eles são cada vez mais numerosos, sob novas formas, o fenômeno da globalização tem aumentado seu empobrecimento.*”

Num mundo onde tudo é determinado pelo capital, aquele que não tem dinheiro, não existe. Temos que construir uma sociedade que reconheça a dignidade do pobre, seu direito de expressão, há tanto tempo arrancado dos Índios da América Latina e de outros lugares; uma sociedade que o ajude a tornar-se sujeito de seu próprio futuro.

São Vicente de Paulo, este grande santo das Landes mereceu ser chamado de o "gigante da caridade", porque soube colocar em ação a luta pelos pobres. Ele ousou dizer: "os pobres são Jesus Cristo".

Eis, por consequência a minha vez, a verdade de onde brota minha escolha e que ilumina minha vida missionária. 42 anos no Equador, dos quais 26 à serviço dos Índios da Cordilheira dos Andes, é a grande escola onde vivi e saboreei a experiência mais determinante de minha vida consagrada, sem romper com tudo o que vivi em minha infância e minha adolescência na terra das Landes.

Certamente, são todos vocês que me acompanham hoje, que recebem comigo este reconhecimento de nossa querida França. Obrigada a todos, irmãos das Landes, de Toulouse, Bordeaux, Paris, Lyon, Avignon que por tantos anos de sensível crescimento solidário, permitiram algumas conquistas neste delicado e exigente trabalho entre os pobres de nossas montanhas andinas.

Parece-me que, o mais belo de tudo, é poder estar hoje, acompanhada de uma excepcional equipe de Índios engajados no serviço junto aos seus irmãos autóctones. Seus nomes são: Ricardo, Edison, José, Dario, Martha, Olgé, Verônica, Diego, dentre outros. Autênticos Puruhaes que são hoje, agentes de seu próprio itinerário, conscientes, responsáveis uns pelos outros e, dos menores entre eles; os idosos abandonados em um estado de miséria, os doentes julgados inúteis e deixados de lado, os rejeitados de suas comunidades, aqueles que estão engajados também nas iniciativas em nível familiar e comunitário para fazer triunfar a justiça, o direito à vida e a proteção da Pachamama.

Muito obrigada a minha comunidade por ter permitido, tão generosamente, meu desabrochar no meio dos pobres. Dou graças hoje, diante de todos, pelo chamado recebido, pelas mudanças realizadas em mim durante estes 26 anos, no apogeu desses 42 anos de vida missionária. Permitam-me repetir que nesta Cruz da Legião de Honra, todos vocês estão inscritos na carta do amor da mão de nossos pobres”.

Irmã Teresita Duvignau,
Filha da Caridade.

HISTÓRIA DA COMPANHIA

LUÍSA DE MARILLAC,

FORMADORA DOS LEIGOS

1. - INTRODUÇÃO E CIRCUNSTÂNCIAS

Na primeira biografia de Luísa de Marillac, escrita por Gobillon 14 anos após sua morte, encontrei esta frase: "*Quando ela começava suas reuniões, as Damas dirigiram-se para lá em grande número, e ficaram encantadas com suas conferências*" (Gobillon p. 42). Todos os outros biógrafos relevaram este fato: Louis Baunard (biógrafo do processo de canonização), Ponciano Nieto, Leandro Daydi, Marie Dominique Poinset, Jean Calvet, Joseph Dirvin e Benito Martínez.

Abordando este tema, penso nos três princípios fundamentais que o Concílio Vaticano II nos indica no Decreto sobre o Apostolado dos Leigos:

- 1) Na Igreja, os leigos cristãos têm hoje uma missão que lhes é própria;
- 2) O Apostolado da caridade, essencial à vida da Igreja, requer a presença e o engajamento dos leigos;
- 3) Os leigos católicos precisam de uma espiritualidade forte e sólida. O Papa João Paulo II destaca igualmente na Exortação *Vita Consecrata* (54) e na "*Partir de Cristo*" que se apresenta como um programa pastoral para a vida consagrada do terceiro milênio.

Nesta tripla perspectiva, constato, com alegria, que Santa Luísa é verdadeiramente atual. Sua vida e seu ensinamento em relação à formação dos leigos coincidem com o pensamento do Magistério da Igreja.

A respeito de Santa Luísa, Jean Calvet diz que: "*tinha o gosto, a paixão e a arte de ensinar porque sabia o preço do conhecimento, e que a alma é feita para o conhecimento*"¹. Formar outras pessoas é :

- Ensinar os princípios, as ideias, os conhecimentos, as convicções e os modos de agir.
- Transmitir os critérios para saber situar-se diante os acontecimentos da vida de maneira positiva.
- Fornecer as chaves para reler a nossa vida e nela encontrar os sinais de Deus para aprender a olhar o futuro com esperança.
- Aprender a olhar os pobres como filhos de Deus e à servi-los como Senhores e Mestres.

Foi o que fez Luísa de Marillac na Igreja da França do século XVII. Ela comunica suas convicções sobre Deus e sobre a vida. Mulher de seu tempo, piedosa e caridosa, incutiu

sobretudo, as atitudes e uma maneira de servir os pobres. Por isso, em 10 de fevereiro de 1960, o Papa João XXIII a declarou Patrona de todas as Obras Sociais de Caridade².

ALGUMAS ORIENTAÇÕES

1.1 OS LEIGOS NA IGREJA DO SÉCULO XVII FRANCÊS

Em seu livro *O Catolicismo na França clássica*, René Taveneaux conta com exatidão como viviam os bispos, os párocos, os religiosos e as grandes Instituições religiosas, porém, pouco fala dos leigos. Citando apenas Henri de Lévis, duque de Ventadour, tenente geral do Rei em Languedoc, um leigo que criou a Companhia do Santo Sacramento. Era uma confraria de oração; todas as quintas-feiras, eles se reuniam começando e terminando com uma oração. Davam uma grande importância a leitura da Bíblia, da Imitação de Jesus Cristo e a devoção ao Santo Sacramento. A Companhia vivia com a ajuda dada pelos membros da própria Confraria. Em uma circular do ano de 1660, nós podemos conhecer entre os objetivos, as obras de caridade que eles sustentavam:

*"A Companhia trabalha não somente com obras de caridade (pobres, doentes, prisioneiros, aflitos), mas também, com as missões, os seminários, a conversão dos hereges, a propagação da fé em todo o mundo, ... dedica-se as necessidades do próximo"*³.

A Companhia do Santo Sacramento era uma associação discreta de sacerdotes e de homens leigos, criada para remediar toda sorte de necessidades na Igreja. Neste sentido, o historiador J.M. Roman afirma que a Companhia do Santo Sacramento colaborou na extensão das Confrarias da Caridade. Em 1634, ela enviou às suas filiais um "memorial" sobre as práticas das Confrarias das Damas da Caridade a fim de fundar outras semelhantes, em outros lugares do reino da França. O Bispo de Alet, Nicolas Pavillon, aprovará em sua diocese o Regulamento de uma Caridade que reproduzirá exatamente o que foi redigido por Vicente. Apesar disto, A Igreja do século XVII permanecerá clericalista, encorajada pelo Concílio de Trento.

Será preciso aguardar o século XX, com o Concílio Vaticano II, para que os leigos, cristãos batizados, tenham um estatuto e uma missão bem definida na vida da Igreja.

O decreto do Apostolado dos leigos concede-lhes uma participação ativa na vida e na missão da Igreja, como era feito no início do cristianismo : *"O sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a atividade apostólica do Povo de Deus, volta-se com muito empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja já em outros lugares recordou. Com efeito, o apostolado dos leigos, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja"*⁴ (Preâmbulo do Decreto).

O Concílio indicará suas razões : a fidelidade às origens do cristianismo: *"A mesma Sagrada Escritura demonstra abundantemente (cf. At. 11, 19-21; 18, 26; Rm. 16, 1-16; Fl. 4, 3), como foi espontânea e frutuosa esta atividade no começo da Igreja"*⁵. Acrescenta ainda as circunstâncias atuais do mundo, *"o progresso da ciência e da técnica...dilataram os campos*

do apostolado dos leigos, em grande parte acessíveis só a eles”, sublinha outra urgência deste apostolado: “Este apostolado torna-se tanto mais urgente quanto a autonomia de muitos setores da vida humana, como é justo, aumentou, por vezes com um certo afastamento da ordem ética e religiosa e com grave perigo para a vida cristã. Além disso, em muitas regiões onde os sacerdotes são demasiado poucos ou, como acontece por vezes, são privados da liberdade de ministério, a Igreja dificilmente poderia estar presente e ativa sem o trabalho dos leigos”⁶.

O Concílio destaca a ação do Espírito Santo na sua Igreja: *“Sinal desta múltipla e urgente necessidade é a evidente atuação do Espírito Santo que hoje torna os leigos cada vez mais conscientes da própria responsabilidade e por toda a parte os anima ao serviço de Cristo e da Igreja”⁷.*

A fim de obter um estatuto digno no plano pastoral para os leigos, o Concílio, em seu preâmbulo, já solicitava uma revisão do Direito Canônico com relação ao seu Apostolado, e uma espiritualidade sólida que os sustentassem. No n° 8 do Decreto Conciliar, *“Apostolicam Actuositatem”*, indica-se que a ação caritativa e social é a marca do apostolado cristão.

Na França no século XVII, o clero formava uma parcela muito pequena da população, embora os padres diocesanos fossem numerosos, bem como os religiosos e religiosas de vida contemplativa. Não havia, então, lugar para a vida consagrada fora do claustro. Vicente de Paulo e Santa Luísa de Marillac serão os pioneiros de uma vida consagrada do apostolado no meio do mundo.

Então, qual era lugar dos leigos? Mesmo se eles eram maioria, eram passivos na Igreja: simples receptores das pregações, da catequese, dos Sacramentos, com pouca formação cristã. Numerosos leigos não sabiam nem ler e nem escrever, sobretudo nos campos. É por isso que servíamos essencialmente de imagens⁸.

O Concílio de Trento havia entreaberto uma porta para os leigos através das Confrarias paroquiais. Elas poderiam ser instituídas pelo Pároco, fossem com objetivos de piedade ou para fins caritativos. Os leigos poderiam também fazer parte das Ordens Terceiras das grandes congregações religiosas como os franciscanos ou os capuchinhos. Nas grandes cidades como Paris, existiam também os “Círculos espirituais” formados por pessoas piedosas querendo aprofundar sua vida espiritual. Alguns destes círculos tornaram-se famosos como o de Madame Acarie, que será mais tarde Madre Maria da Encarnação, nas Carmelitas⁹.

1.2 A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS LEIGOS

É preciso fazer uma diferença entre o meio urbano e rural. Na cidade havia muitos padres e conventos religiosos, Universidades católicas e Seminários que davam a possibilidade de uma formação cristã mais completa. Santa Luísa tinha a preocupação de dar esta formação ao seu Filho Miguel. Ela o colocou no Seminário Bourdoise na paróquia Saint-Nicolas-du-Chardonnet, apesar da vocação pouco evidente¹⁰. Exemplos como este, antigamente, não faltavam.

Nas cidades haviam pessoas capazes de oferecer meios para uma boa formação, beneficiando poucos, unicamente aqueles que faziam parte da burguesia e da nobreza. Os pobres não tinham nem tempo e nem os meios para poder adquirir uma cultura de base e uma educação cristã sólida.

No meio rural, existiam poucos meios para a formação: nada de professores, de escolas, e alguns padres tinham uma formação muito rudimentar. Lembremos que São Vicente encontrou alguns que mal sabiam a fórmula da absolvição para confessar os fiéis¹¹. No campo, a ignorância religiosa e cultural era enorme. A urgência da formação foi uma das primeiras necessidades percebidas por Luísa de Marillac nas visitas às Caridades, bem como por Margarida Naseau¹², a primeira Filha da Caridade.

1.3 A REFORMA PROTESTANTE: UM DESAFIO

Uma das ideias e convicções de Lutero, para difundir a Reforma protestante, foi a criação de escolas para a formação de catequistas e de líderes. Por este meio, a Igreja protestante se propagou, difundindo-se em toda Europa à partir do século XVI. A difusão do catecismo de Lutero foi bastante rápida, graças a formação protestante de catequistas, de pastores e professores.

Assim, a Reforma protestante se difunde na França, mas lentamente, devido ao Edito de Nantes de 1598. De acordo com os termos deste Edital, a liberdade de consciência era garantida pelos huguenotes em toda a França. Permitiram-lhes construir igrejas, celebrar os cultos religiosos, menos nas cidades episcopais, nas residências reais num raio de 5 milhas em torno de Paris. Os nobres huguenotes podiam realizar cultos religiosos em suas casas; foi-lhes concedido abrir 4 universidades (Montauban, Montpellier, Sedan, Saumur); no Parlamento de Paris, a Câmara do Edito foi constituída para preservar seus direitos cívicos: era um tribunal composto de dez católicos e seis protestantes; a mesma coisa foi criada nos Parlamentos das províncias da França. À exemplo dos padres católicos, os pastores huguenotes eram pagos pelo governo.

Em 1629, o Edito de Nantes foi revogado pelo Cardeal Richelieu. As perseguições contra as reformas protestantes começaram, a partir de 1681. Com revogação do Édito, centenas de milhares de huguenotes emigraram para países protestantes. Este fato fez retardar o avanço do protestantismo na França, com relação a outros países europeus. A guerra dos Trinta anos, entre católicos e protestantes, tinha acabado. Mas, foram obrigados a admitir que se os católicos tinham se convertido ao protestantismo, eles o fizeram por falta de formação e de convicções sólidas.

Vicente de Paulo e Luísa de Marillac estão conscientes desta situação. Eles decidiram responder a este apelo urgente, que pedia uma resposta imediata. A partir de 1629, Luísa de Marillac cria as Escolas da caridade que dependem das confrarias que visita¹³. Ela percebe o trabalho dos protestantes para formar as jovens do campo. Estimulou as Damas da Caridade para responder à esta necessidade formando professoras e criando escolas. Como Luísa de

Marillac, outras se lançaram no ensino, considerando-o como uma forma importante de evangelização¹⁴.

Após o Concílio de Trento, o Papa Clemente VIII (1592-1605) fixa normas para a fundação das confrarias paroquiais: seu objetivo deve ser de piedade ou caritativa, são submissas à autoridade dos Bispo, com um Regulamento e Estatutos bem definidos, um governo preciso, tendo como responsável, o Pároco, ou um padre delegado. Assim, sob a condução de Vicente de Paulo, Luísa realiza sua missão de formadora de leigos. Como nas origens do cristianismo, ela desenvolve o trabalho da diaconia da caridade, como alternativa à Reforma protestante que havia quebrado e dividido a unidade da Igreja Universal.

2.- A PREPARAÇÃO DE LUÍSA PARA A FORMAÇÃO (1626-1629)

Todos os membros da família vicentina sabem que Luísa de Marillac recebeu uma excelente educação em Poissy. Foi uma educação completa em todas as áreas: humanista, cultural, social e religiosa. Durante sua viuvez, ela prepara-se ativamente para a sua futura missão de formadora, como reflete sua correspondência com Vicente de Paulo.

2.1. O ENCONTRO COM ISABELLE DE FAY E OUTRAS DAMAS.

Durante três anos, após a morte de seu marido, Luísa se pergunta, qual é o desígnio de Deus sobre ela. Pensa intensamente na inspiração recebida; aquele “*indo e vindo*”, a experiência espiritual da luz de Pentecostes de 4 de Junho de 1623, não se apaga de sua mente e de seu coração.

Como missionário itinerante, Vicente de Paulo é seu diretor espiritual. Ele o é também da Senhorita Isabelle de Fay, mulher piedosa e caridosa da paróquia de Saint Nicolas-du-Chardonnet. Senhorita Isabelle de Fay era amiga de Luísa, tinha um irmão padre, Antoine Hennequin, nobre de Vincy, amigo de Vicente de Paulo (ele será admitido na Congregação da Missão alguns anos depois). Seu tio, René Hennequin, era casado com Maria de Marillac, tia de Luísa. Este laço de parentesco, a pertença à mesma paróquia e a direção do mesmo diretor espiritual, reforçam a amizade entre essas duas mulheres. Na primeira carta que Vicente escreve à Isabelle de Fay em outubro de 1626, esta expressão lhe escapa: “*Meu Deus! Como são diferentes as filhas do seu diretor: uma toda plena de respeito em relação a defesa da Igreja, e a outra de confiança com relação aos trabalhos de Poissy! No entanto, Nosso Senhor é igualmente honrado em ambas, é o que vejo de sua comunidade, a qual eu saúdo a Mãe (Luísa de Gondi)*”¹⁵.

De acordo com estas poucas linhas, vemos que elas partilham da mesma espiritualidade; ambas estão preocupadas com as mudanças de Piora de Poissy e pelas dificuldades da substituição, mas, os pontos de vista são diferentes. Esta preocupação era normal, visto que Poissy era o círculo da espiritualidade que ambas frequentavam. Entre 1626

e 1629, as trocas de correspondências entre o diretor e as duas mulheres testemunham os seguintes fatos:

Isabelle de Fay e Luísa de Marillac são amigas muito próximas que ajudam-se mutuamente em suas vidas espirituais, na busca da vontade de Deus. Ambas trabalham para os pobres, confeccionam as camisas. Estão abertas à obediência, às orientações do seu diretor¹⁶.

Este período é uma etapa de formação para as duas: lêem o evangelho juntas e o comentam; praticam a *Lectio divina*; frequentam os mesmos círculos de espiritualidade e lêem os mesmos livros religiosos¹⁷.

Ambas estão preocupadas com as ausências de Vicente em Paris, por causa de suas longas viagens missionárias. Escrevem-lhe frequentemente, comunicando-lhe suas situações espirituais. Assim, na carta que Luísa escreve para o seu diretor em 5 de Junho de 1627, conta-lhe a situação de agonia da Senhorita de Fay e de sua doença. Vicente escreve para às duas, com poucos dias de intervalo, talvez no mesmo dia.

Em outubro de 1627, Vicente propõe a Luísa ampliar o círculo de suas amizades. Nesta ocasião, ele estava nas cidades de Poitou e de Cévennes. Ele via as necessidades da pobre gente do campo, sua falta de formação e pensou fazer um convite às duas Damas para a Missão: "*Agradeço-lhe, Mademoiselle, das notícias que (vós) me dás da caridade da boa Senhorita de Fay, e peço-lhe para que cuideis dela até quando necessário, se não achais que seria bom reservá-la e destiná-la para ganhar as pobres almas para Deus nestas aldeias de Poitou e de Cévennes. Que se ela não aceitar bem, se ela o desejar fazer aplicar às pobres pessoas daqui, façais o favor de me comunicar e de enviar duas ou três camisas à Senhorita Lamy em Gentilly para a Caridade daquela localidade*"¹⁸.

Nesta carta, Vicente encarrega Luísa de ajudar Senhorita de Fay à fazer o discernimento. Ao mesmo tempo, coloca-a em contato com a Senhorita Lamy (Catherine Vigor)¹⁹, esposa de Antoine Lamy (auditor do Tribunal de Contas de Paris) presidente da Conferência da Caridade de Gentilly. O casal Lamy, benfeitores das obras vicentinas, fundaram uma missão em Gentilly em 1634. A relação de Luísa de Marillac com a Senhorita Lamy ampliava o círculo de suas amizades e aumentava a importância de sua ação de caritativa.

Algumas semanas mais tarde, Senhorita Guérin, esposa de Gilles Guérin (conselheiro do rei e corretor das contas) paroquiano de Saint Nicolas-du-Chardonnet, fez parte do círculo de Luísa de Marillac. É Senhorita Guérin que pede para entrar na Círculo de espiritualidade e de caridade, criada por Luísa em sua paróquia. A responsabilidade de Luísa na área espiritual e caritativa não para de aumentar... Vicente de Paulo aprova tudo isso. Em uma carta, escrita provavelmente, no período do outono de 1627, Vicente confia à Luísa a administração das doações, sabia que as Damas lhe fazem confiança: "*E quanto ao dinheiro... Senhorita de Fay, ... aprovo o uso que vós desejais fazer, estando o resto bem fácil da resolução que estas boas filhas tomaram de colocar tudo em comum*"²⁰.

Luísa está criando em Paris um movimento caritativo. Recolhe as doações e os administra, é a formadora e a animadora espiritual do grupo do qual nascerá, mais tarde, as Conferências da Caridade de Paris.

2.2 FORMADORA DAS JOVENS CAMPONESAS : EXPERIÊNCIA OU MISSÃO CONFIADA?

A correspondência de Luísa de Marillac com seu diretor revela uma nova faceta de Mademoiselle Le Gras. É curioso constatar como dá informações detalhadas ao seu diretor sobre as jovens camponesas que forma, e isto acontece entre 1627 e 1629, quer dizer, dois meses antes de começar as visitas às Caridades. Em sua carta de 5 de junho de 1627, ela apresenta a Vicente esta breve informação : *"Permita-me, meu pai, importunar-vos ainda, a respeito de uma jovem de 28 anos que querem trazer de Borgonha, para ficar comigo. Segundo me disseram, é uma pessoa conhecida e virtuosa. Entretanto, antes dessa, a boa senhora cega, lá de Vertus, me havia falado de uma outra, de 22 anos, que está com ela, dizendo-me que talvez, possa vir para cá. Está sob a orientação dos Revmos Padres do Oratório, há quatro anos, e é uma perfeita camponesa. Não estou muito certa de que queira vir, embora me tenha manifestado algum desejo disso. Peço-lhe, muito humildemente, meu pai, avisar-me o que devo fazer com relação a esse problema"*²¹.

Esta citação suscita algumas questões. Fala-se de três jovens: uma de 28 anos, de Bourgogne, que Luísa não conhece, mas que pessoas lhe recomendam para formar, provavelmente, para que pudesse trabalhar como empregada das Confrarias da Caridade, paga pela Tesouraria. Porém, deve Luísa assumir esta missão de formação? Ela pede a opinião ao seu diretor sobre o que deve fazer. As duas outras jovens são virtuosas, ela as conhece, já conversou com elas, ambas têm por diretor os Padres do Oratório, fundada por Pierre de Bérulle. Uma delas manifestou seu desejo de fazer parte do Círculo de Luísa.

Qual é a resposta do Padre Vicente?... Nós não a conhecemos. Luísa teme que as cartas sucessivas tenham sido perdidas²². Mas, a missão de Luísa como formadora das jovens servas da caridade, continua.

Nesta carta de 13 de janeiro de 1628, Vicente está então em Joigny, ele lhe pede para receber e formar duas jovens pobres de Joigny : *"pensamos ser oportuno que ela saia daqui, e aquelas que vos enviarmos dentro de oito dias, peço-vos de dirigir-lhes a uma pessoa honesta que lhes recomendem e que se encontre em condições, isto se conheceis qualquer honesta senhora que tenha necessidade dela."*²³.

Vicente de Paulo responde através dos fatos à Luísa de Marillac, manifestando sua aprovação para que ela acolha e forme as jovens a fim de lhes encontrar uma situação, quer dizer, um trabalho, um serviço, um sentido para as suas vidas. Neste caso, não se trata do serviço dos pobres das Caridades. Mademoiselle Le Gras encontrou para elas uma ocupação: uma como empregada na casa de Senhoria de Fay e outra como empregada de uma conferência da Caridade em Joigny²⁴.

Em fevereiro de 1628, Vicente escreve à Luísa agradecendo-lhe por ter acolhido em sua casa uma outra jovem de Joigny²⁵. Seu serviço e sua missão de formação nascem providencialmente, a partir dos acontecimentos, sem ter pensado nisto. Ao contrário, são as jovens que vêm até ela. Luísa e Vicente veem nisso a vontade de Deus. Isso é o que diz Vicente: *“Mademoiselle... mantenha-se sempre alegre, na disposição de querer tudo o que Deus quer. Pois, lhe é bom e agradável que mantenhamo-nos sempre na santa alegria do seu amor”*²⁶.

A alegria é uma condição indispensável para dar uma boa formação às jovens do campo que procuram uma ocupação e um sentido para dar às suas vidas. Luísa é uma boa árvore que começa a dar frutos para o Reino de Deus. Assim pensa Vicente que lhe escreve numa carta em 30 de Julho de 1628. Neste dia, o evangelho da missa tinha por tema "os frutos da árvore" (Mt 7, 17-20). Ele lhe disse: *"Sobre isso, imagino que as palavras do Evangelho deste dia tocou-a fortemente. E o quanto elas estão intensamente no coração amando de um perfeito amor. Oh! Que tipo de árvore revelastes hoje aos olhos de Deus, visto que tendes produzido um tal fruto! Sempre podereis ser uma bela árvore de vida produzindo os frutos do amor"*²⁷.

2.3 A FORMAÇÃO SE DESENVOLVE

Luísa vive, como uma bênção de Deus, seu papel de formadora: mulheres da burguesia, membros das confrarias da Caridade, bem como a formação das jovens do campo, empregadas nas Caridades. Ela decide fazer um retiro para ver como responder à sua inspiração de trabalhar mais intensamente nesta missão. Vicente a encoraja: *“Sim, enfim, minha querida, eu concordo. Porque não? Uma vez que Nosso Senhor lhe deu este santo sentimento. Comungareis amanhã, prepare-se para este salutar exame ao qual se propõe e depois começareis os santos exercícios que lhe foram ordenados...meu coração anseia ardentemente ver o vosso para saber como aconteceu, mas estou disposto a me mortificar, por amor a Deus, com o qual desejo que esteja o seu coração unicamente ocupado.”*²⁸.

Ao longo deste retiro, em 1628, ela toma uma resolução de ofertar-se, sem condições, ao serviço de Deus nas Confrarias da Caridade onde, a formação cristã e o ensinamento do catecismo são uma necessidade urgente. Isto é o que expressa no sexto dia de seu retiro: *"Devo lembrar-me de que não hei de andar buscando ternuras nem consolações espirituais para me animarem ao serviço de Deus, antes porém, que me entreguei a aceito n'Ele todas as insensibilidades e privações de consolos que me parecem estejam preparadas para minha alma, com total desapego delas"*²⁹.

Esta decisão de oferenda incondicional, ela comunica a Vicente de Paulo que não responde de imediato devido o seu trabalho, mas em seu pensamento, considerava como algo bom. Quando ele a responde, explica seu silêncio: *"Estais enganada, minha querida filha, ao pensar que eu não havia aceitado com agrado a proposta da Senhorita, por não ter pensado nisso; não pensei, porque estou certo de seu querer e não querer é o mesmo querer e não querer de Deus, e que não estais em estado de querer e não querer, a não ser o que vos*

digamos o que nos parece que Deus quer e não quer. Diga, pois, vossa culpa deste pensamento e não permitais jamais que ele venha no futuro. Empenhe-se em viver e contentar-se entre seus motivos de descontentamento e honreis sempre o estado desconhecido do Filho de Deus. Ali está o vosso centro e o que Ele pede de vós para o presente e o futuro, para sempre. Se sua divina Majestade não lhe faz conhecer, de uma maneira inequívoca, que Ele quer outra coisa de vós, não penseis e não ocupeis pois o vosso espírito nesta outra coisa. Dirija-vos a mim, eu penso pelos dois"³⁰.

Este diretor temia que Luísa de Marillac tivesse tomado esta resolução buscando uma certa notoriedade para brilhar aos olhos do mundo, é por isso que lhe exorta a honrar o “estado desconhecido do Filho de Deus”?... Isto é possível desde que Luísa reconhecesse seus defeitos de vaidade e de precipitação. Então, Vicente levou um tempo para discernir a vontade de Deus sobre a oferta incondicional de Mademoiselle. Após algumas semanas, próximo ao fim do ano de 1628, ele a exortou sobre a confiança na Providência durante este tempo de espera: “*Meu Deus, minha filha, que grandes tesouros ocultos há na santa Providência, e como honram maravilhosamente a Nosso Senhor os que a seguem e não passam a sua frente!*”³¹.

Entre fevereiro e maio de 1629, ele escreve-lhe seis cartas, quase que uma em seguida da outra, encorajando-a a esperar, com confiança, que se manifeste a vontade de Deus para aceitá-la. Mesmo se reconhecesse as qualidades de Luísa como formadora das jovens do campo, ele quer ter a certeza que esta missão é realmente a que Deus deseja para ela.

Durante este tempo, Luísa se prepara espiritualmente meditando a Palavra de Deus, socorrendo aos pobres próximo de sua residência, com as Damas Isabelle de Fay, Lamy e Guérin, membros das Caridades que ela presidia, perto de Paris.

3.- A FORMADORA ENVIADA EM MISSÃO (1629)

Vicente de Paulo continua seu trabalho missionário durante os anos de “noviciado” de Luísa (1626-1629). Em maio de 1629 ele se encontra perto de Paris, em Montmirail, chamado pelo Padre Philippe Emmanuel de Gondi que entrara nos Oratorianos³². Do castelo da família Gondi, dirige em 6 de Maio de 1629 uma carta à Luísa que é como seu “envio em missão”. Antes, ele havia lhe enviado uma outra carta com todas as informações para chegar em Montmirail.

3. 1. A FORMADORA VIAJANTE E ITINERANTE

A hora da missão chegou. As “idas e vindas” da Luz de Pentecostes de 1623 iam começar. A Providência tinha fixado o momento oportuno e tinha preparado o coração e o espírito da missionária. Vicente estava convencido que era mesmo a hora de Deus para Luísa de Marillac. Por isso, sem rodeios afetivos ou diplomáticos, ele vai direto ao assunto como algo de importante e sagrado: “*Envio-lhe as cartas e as recomendações necessárias para a*

sua viagem. Ide, pois, Madeimoiselle, ide, em nome de Nosso Senhor. Rogo à sua divina bondade para que ela vos acompanhe, que ela seja seu consolo em vosso caminho, vossa sombra contra o calor ardente, o abrigo na chuva e no frio, seu leito macio em seu cansaço, sua força em seu trabalho e que enfim, Ele vos conduza em perfeita saúde e plena de boas obras"³³.

Vicente lhe dar alguns conselhos para a viagem : "*Comungareis no dia de sua partida, para honrardes a caridade de Nosso Senhor e as viagens que Ele fez por esta mesma razão, e através da mesma caridade, penas e contradições, a fadiga e os trabalhos que Ele sofreu, a fim de que a viagem lhe seja abençoada, e conceda ao seu espírito a graça de agir nesse mesmo espírito e de suportar suas penas de maneira que Ele suporta as suas*"³⁴.

Ele indica alguns pontos práticos, como a duração de cada visita: dois dias parecem suficientes, mas se for preciso, ela é livre para permanecer mais tempo, neste caso, deverá lhe comunicar as causas de sua estadia prolongada. Tudo era regrado!...Em 1629, existiam mais de 30 Conferências da Caridade estabelecidas nas cidades da França. A partir de 1625 as missões pregadas por Vicente e seus companheiros terminavam sempre com o estabelecimento de uma confraria da Caridade. Era um dos frutos da Missão. Como seu número não cessava de aumentar, Vicente começou a refletir sobre uma organização central que poderia assegurar a coordenação e que zelaria pelo bom espírito que deveria reinar em cada uma delas.

"Em algumas haviam se introduzido abusos, outras experimentavam dificuldades de funcionamento, Aqui e ali o fervor primitivo tinha esfriado. Em muitas outras sentiam a necessidade de instruções para enfrentar as dificuldades imprevistas"³⁵. Definitivamente, a necessidade de instrução e de formação eram urgentes. Eis a missão de Luísa de Marillac como Visitadora das Caridades. A Providência havia se manifestado e, com toda a disponibilidade, ela se colocava a caminho.

Até então, ela se ocupava da administração, da formação das Damas e das jovens das Conferências. Agora, passa a assumir as Caridades. Sua atividade começa imediatamente com muita intensidade : o campo da missão é vasto e todo aberto ao sopro do Espírito Santo...Assim, em 1629, visita as Caridades de Montmirail e de Asnières. Sua preocupação durante a viagem, é de ajudar o próximo a conhecer Deus, ela encontrou aí um grande reconforto³⁶. É a formadora que transmite com alegria seus conhecimentos, seus critérios, suas convicções. É também a mística que experimenta Deus fortemente em si, consagrando-lhe em tudo suas atividades missionárias, fazia a experiência dos esponsais espirituais: "*No dia de Santa Ágata, 5 de fevereiro, parti para Saint-Cloud. Na sagrada Comunhão pareceu-me que Nosso Senhor me dava o pensamento de recebê-lo como ao esposo de minha alma, e mesmo, que isso estava se realizando em mim, à moda de esponsais, e me senti, tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de tudo deixar para seguir meu Esposo e de olhá-Lo doravante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens*"³⁷.

Em 1630, visita as Caridades de Saint Cloud, Villepreux, Villiers-le-Bel, retorna à Montmirail e a Beauvais. Nesta época, sob iniciativa de Luísa, as primeiras Caridades de Paris

são fundadas nas paróquias de Saint Nicolas-du-Chardonnet e Saint-Sauveur. Esta de Saint-Sauveur começa por volta do fim do ano de 1629. Porque as primeiras Confrarias da Caridade, em Paris, foram fundadas por Luísa de Marillac? A resposta é simples. Vicente estava engajado a não organizar Missões nas cidades. Como as Confrarias eram um dos frutos da Missão, estas duas circunstâncias não permitiam a Vicente de fundá-las em Paris. Quem pôde convencer e motivar os párocos de Saint-Nicolas-du-Chardonnet e de Saint-Sauveur, senão Luísa, que lhes conhecia e sabia como lhes abordar?

Ela se encarrega de também formar as Damas da nobreza ou da burguesia que fazem parte das duas Conferências. Conhecia-lhes, pois foi paroquiana destas duas paróquias. Ela vai à Saint-Sauveur, quando morou na rua Courteau-Villain³⁸, e à Saint-Nicolas quando habitou na rua Saint Victor³⁹. É a presidente da Confraria de Saint-Nicolas.

Em 1631, Luísa visita as Caridades de Montreuil-sous-Bois, Montmirail Le Mesnil, Bergères, Loisy, Soulières, Sannois, Franconville e Herblay. Nada a faz parar. As viagens são incômodas, vê-se obrigada a pegar as diligências trepidantes; desce em albergues nem sempre seguros; nas cidades ou nas aldeias quase abandonadas, mas não tinha medo. Sente interiormente a força do Espírito. Apoiá-se sobre a segurança de fazer a vontade de Deus, e isto lhe dá coragem e serenidade. Como Teresa de Ávila, percorre os caminhos da França com um grande zelo missionário acompanhada por Senhorita de Fay ou uma empregada. Após cada visita, faz um relatório que envia a Vicente de Paulo. São graças a estes relatórios e cartas de Vicente e de Luísa que podemos conhecer esta atividade de formadora e missionária nas conferências da Caridade.

3.2 FORMAÇÃO EM GRANDE ESCALA: ATIVIDADE NAS CONFRARIAS.

Uma das primeiras Caridades que ela visita é a de Saint-Cloud. Sabemos um pouco do que fez, graça a uma carta de Vicente de 19 de fevereiro de 1630, onde ele lhe diz: "*Louvo a Deus que tenhas saúde para sessenta pessoas, para a salvação das quais trabalhas, porém rogo que comuniquéis exatamente se seu pulmão não se incomoda de tanto falar, nem sua cabeça com tantas dificuldades e ruídos*"⁴⁰.

Que fez Luísa de Marillac em Saint-Cloud com estas 60 pessoas leigas? Graça a esta carta, vemos que ela passa longas horas falando, motivando, encorajando... Algumas vezes, explica o catecismo começando pela profissão de fé, outra vez pelo Evangelho e a vida de Jesus Cristo, muitas vezes, lê e comenta o Regulamento para que as Damas da Confraria da Caridade estejam bem conscientes de que, o que fazem é para honrar Jesus Cristo e continuar sua missão em favor dos pobres. É seu trabalho de formação⁴¹. Insiste muito, também sobre o olhar de fé com o qual elas devem servir os pobres, lembrando-lhes o texto do Evangelho de São Mateus no capítulo 25: "*todas as vezes que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, foi a mim mesmo que o fizestes*".

De Saint-Cloud ela vai para Villepreux, e à Beauvais, onde existem 18 Confrarias em pleno progresso. De lá, segue para Montreuil, Pontoise, Villeneuve-Saint-Georges, Loisy-en

Brie, Gournay-sur-Aronde, Asnières entre outros lugares. Viaja sempre em diligências e por caminhos que lhe são desconhecidos... A noite, hospeda-se nas hotelarias populares onde descobre a promiscuidade, os propósitos indignos dos homens, a pobreza do alojamento e dos hóspedes, a ignorância moral e religiosa dos camponeses... frequentemente deve dormir sobre colchões de palhas de milho nos quartos frios e em mau estado. Algumas vezes, quando a distância é curta, viaja à cavalo.

Chegando em uma aldeia ou uma cidade, muitas vezes é recebida com satisfação, pelos membros da Confraria... *"Durante sua estadia, Luísa reunia os membros da Associação, os encorajava em seus trabalhos, reanimava no fervor. Se fosse necessário, reajustava o Regulamento..."* (*"Petite vie de Louise"* de Irmã Charpy). Examina os livros de contas, das atas das reuniões e percebe se a Associação está funcionando bem ou se está abandonada... *"Visita os doentes, encontra-se com as meninas pobres, sem instrução e esforça-se para encontrar uma professora para elas. Seu entusiasmo é comunicativo"* (*"Petite vie de Louise"* de Irmã Charpy). Isto é o que nos contam os testemunhos conservados: *"Certa vez, foi a uma aldeia onde todas as mulheres ficavam tão encantadas em ouvi-la que falaram isso aos seus maridos. Também eles queriam escutá-la, embora lhes fosse dito que os homens não deviam estar presentes. Esconderam-se debaixo da cama e em todos os lado do quarto e depois perguntaram à Mademoiselle se ela atendia confissões"*⁴².

Uma de suas preocupações é de formar catequistas e professoras para dar aulas às meninas e às maiores, sem instrução nos vilarejos. Desta forma, seu trabalho de formação se multiplica e o conhecimento e os valores cristão são transmitidos. É com este objetivo que ela compõe o Catecismo⁴³.

Organizadora da Caridade de Saint-Nicolas

Através das cartas de Vicente, conhecemos alguns detalhes sobre esta Caridade, com a qual ele não se ocupou, porque foi Luísa que preparou o caminho. Ela começa através de um trabalho de motivação caritativo, junto às Damas da nobreza e da burguesia prontas a se engajarem. Depois, fala com o pároco, pois é este que deve erigir a Confraria. Enfim, vista os pobres doentes da paróquia que terá que servir junto com Senhora de Fay.

De acordo com as cartas que Vicente lhe escreveu, sabemos que a Confraria foi erigida em fevereiro de 1630, provavelmente no início da Quaresma. Um padre Jesuíta, cujo nome desconhecemos, os ajuda muito e motivam as Damas e os Vigários através de suas pregações⁴⁴. Após a fundação da Caridade, Luísa continua à encorajar, à suscitar o fervor, à inscrever novos membros, graça à seu trabalho de formação, transmitindo suas convicções e esta Confraria foi uma espécie de modelo para as outras paróquias de Paris. Por isso Vicente a felicita: *"Quanto à vossa Caridade, não tenho como expressar o quanto estou consolado. Rogo a Deus que abençoe o vosso trabalho e que Ele perpetue esta santa obra"*⁴⁵.

Depois, ele lhe dá alguns conselhos práticos, sabendo que eles serão acolhidos. Ele sabe que o Vigário pode ser o tesoureiro e o administrador, então com prudência, a previne: "...Faça, Mademoiselle, que o vigário guarde o dinheiro, é preciso que ele o guarde devido a quantidade de inconvenientes que surgiriam...de todos os meios, os mais seguros que podemos praticar a Caridade são aqueles que você tem em mente"⁴⁶.

Percebe-se que eles já haviam discutido e previsto a questão da tesouraria e da administração. Ambos sabiam por experiência as dificuldades que podem se apresentar, Vicente comenta no final de sua carta: "A experiência nos faz ver que é absolutamente necessário que as mulheres não dependam para isso dos homens, sobretudo para a bolsa"⁴⁷.

Luísa de Marillac é a presidente da Caridade de Saint Nicolas-du-Chardonnet. É sua paróquia e foi eleita responsável. Trabalha na fundação da Confraria na paróquia Saint-Sauveur, onde viveu de 1613 a 1621. Luísa aí exerce uma ascendência moral e lhe reconhecem alguma autoridade como formadora de leigos. Apesar de sua determinação e capacidade de convencer, na Caridade de Saint-Nicolas-du-Chardonnet, os problemas nascem com o turno das refeições para os pobres: "Se tireis agora o cuidado de cada uma da Caridade de cozinhar a carne, nunca mais podereis repor; e de cozinhá-la fora, se alguma se dispõe pela caridade no momento, isto o será à cargo de um pouco de tempo; e se vós a fizestes a preparar por dinheiro, lhe custará muito, pois com algum tempo as damas da caridade dirão que é preciso que a marmitta aos doentes seja levada pelas mulheres que as prepararão; e através deste meio sua Caridade virá a falhar"⁴⁸.

Conhecemos a vitalidade da confraria de Saint-Nicolas-du-Chardonnet através da Correspondência entre Vicente e Luísa. O problema é sempre o mesmo, ontem e hoje... Muitos doentes e poucas pessoas para servi-los...por isto, vê-se a necessidade de fazer-se ajudar por algumas jovens pagas pela Confraria. Vicente aprova: "Alegro-me com o estabelecimento dessas boas jovens" (Carta 43). Luísa se encarrega de formá-las e orientá-las. O trabalho aumenta e Vicente a encoraja: "Eis aí poucas operárias para muito trabalho. Oh Bem! Nosso Senhor trabalhará convosco. A proposta de alimentar os doentes, cada uma às suas custas parece-me boa, e que assim se faça em outras partes até o dia da fundação da Confraria"⁴⁹. Vicente sabe que são momentos difíceis no plano econômico, ele lhe diz: "Será até mesmo conveniente que vos apliqueis as oferendas ao uso destas pobres pessoas. Penso que sois boas senhoras, pois, não utilize mais do que meio escudo... Eis mais cinco mulheres. Rogo a Deus para que Ele vos envie outras. Através dos meios que Nosso Senhor proverá"⁵⁰.

Na primavera de 1630, Luísa encarregou cinco mulheres para o serviço das Caridades de Paris (Saint Nicolas-du-Chardonnet e Saint-Sauveur). Forma-lhes, guia-lhes e as orienta, está atenta aos seus trabalhos e paga-as com o dinheiro da Confraria. Durante este tempo, com Senhorita de Fay, elas continuam seus trabalhos missionários visitando as Caridades das vilas. Em abril de 1630, Senhorita de Fresne⁵¹ participa das viagens missionárias, assim, Luísa vê sua rede de caridade crescer dia após dia...A paróquia Saint-Sulpice, por sua vez, vendo o bem que fazem as Confrarias de Saint Nicolas-du-Chardonnet e de Saint-Sauveur pede para ter uma Confraria da Caridade.

A reputação da família Marillac, na política e nos círculos de espiritualidade (sobretudo por causa do papel de Miguel de Marillac) contribuiu para esta difusão das Confrarias?... Provavelmente, mas isso não diminui em nada a ação de Luísa, sua coragem e sua dedicação, na formação das Caridades. Isto não passaria de uma circunstância favorável. É certo que o nome Marillac, ligado à nobreza, ao "*parti dévot*", bem como aos círculos de espiritualidade carmelitana, abrem as portas à sua influência sobre as damas da nobreza e da burguesia. Pode também ter influenciado os párocos e os vigários da capital parisiense para que eles acolhessem seus propósitos de caridade com benevolência. Mas, tudo isso não elimina os valores humanos e evangélicos de suas iniciativas de apostola da caridade.

4.- UMA ESPIRITUALIDADE EVANGÉLICA PROFUNDA.

Luísa de Marillac é uma mulher espiritual, com uma vida interior profunda que irradia a experiência de Deus. Podemos constatar isso em seu Regulamento de vida e em seus relatórios da missão ou em seus escritos espirituais, por exemplo, os esponsais místicos na época de sua visita à Caridade de Asnières: "*E ao longo de toda a viagem, parecia-me agir sem nenhum esforço de minha parte, com grande consolação porque Deus desejava que, embora indigna como sou, eu ajudasse meu próximo a conhecê-lo*"⁵². Esta união extraordinária com Deus está no centro de sua piedade e de seu projeto em sua ação missionária.

4. 1. SUA INFLUÊNCIA SOBRE OS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO

O que fazia Luísa de Marillac nas Caridades, o que dizia aos membros da Associação para lhes comunicar a força do Espírito que os impulsionava a trabalhar em favor dos pobres?... Na verdade, ela não nos conta, mas podemos descobrir através das notas e de seus escritos espirituais. Assim, por volta de 1632, concernente a "*Conformidade com a vontade divina*", escreve: "*o amor próprio... a ele renuncio de todo meu coração, e escolho tua santa e divina vontade para ser o guia absoluto de minha vida; poderei chegar a conhecê-la através dessa regra (que é) a vida de teu amado Filho, na terra, com a qual desejo configurar a minha. Oh! Santíssima vontade de meu Deus! quão razoável é que sejas cumprida integralmente! Eras o alimento do Filho de Deus na terra e, por conseguinte, o que sustenta minha alma no ser que recebeu de seu Deus...*"⁵³.

Em seu retiro de 1632, retoma as mesmas disposições e as mesmas resoluções: "*tomei a resolução de segui-lo abertamente... senti-me fortemente impelida a acolher o chamado de Deus e cumprir sua santíssima vontade, julgando-me indigna de que sua bondade quera ter desígnios sobre minha alma*"⁵⁴.

Está claro que ela vive e apresenta o serviço da Caridade como um apelo de Deus e uma maneira de ser fiel à sua vontade, como Jesus Cristo. Viver como Jesus Cristo, seguir e identificar-se a Ele é uma consequência imediata da fidelidade ao batismo. Ser como Jesus

Cristo, viver como Ele, servir os pobres como Ele o fazia, é realizar a vontade de Deus. Esta espiritualidade guia sua vida. Nós a vemos em seu Regulamento da Caridade onde ela escreve, sob a direção de Vicente: "*Será instituída na Igreja Paroquial, na capela do Santíssimo Sacramento, lugar de união, para honrar Nosso Senhor Jesus, seu Patrono, e sua Santa Mãe; e para assistir aos pobres doentes da dita Paróquia*" (Correspondências e Escritos E.18 (A.46) pág. 801).

Neste exercício da caridade, aquele que devemos imitar e contemplar é Jesus Cristo. Ele é a fonte inesgotável de Amor para todas as pessoas, casada, viúva ou solteira que faz parte da confraria da Caridade. No regulamento, está recomendado a prática assídua da oração, a vida sacramental e a caridade mútua a exemplo de Jesus Cristo: "*Ler o livro do amor de Deus, especialmente onde trata da vontade de Deus e da indiferença*"⁵⁵.

Vicente confia inteiramente em Luísa, ele lhe escreve no curso de sua segunda visita à Caridade de Montmirail, em 22 de outubro de 1630: "*Desejais saber se vós falareis pessoalmente na Caridade. Na verdade, gostaria muito, mas não sei se será fácil e oportuno. Isto lhe seria uma boa ocasião. Faleis com a Mademoiselle Champlin e façais o que Nosso Senhor vos inspirar*"⁵⁶.

Quatro dias mais tarde, Vicente recebe notícias de Luísa e descobre tudo sobre o bem que ela faz junto aos membros da Conferência. Ele lhe escreve logo em seguida em 29 de outubro: "*Bendito seja Deus desta sua melhora... Sendo assim, continueis, por favor, até que tenhais produzido o fruto semelhante ao que fizetes em outros lugares*"⁵⁷.

De onde lhe vem o fruto espiritual dessa irradiação ? É um dom do Espírito Santo, ela nos conta em se relatório da visita feita à Caridade de Asnières e de Saint-Cloud: "*E ao longo de toda a viagem, parecia-me agir sem nenhum esforço de minha parte, com grande consolação, porque Deus desejava que, embora indigna, como sou, eu ajudasse meu próximo a conhecê-Lo*"⁵⁸.

Sua espiritualidade encarnada lhe impulsiona a servir aos mais pobres, a encorajar e motivar os membros das Confrarias, a verificar as finanças da associação e de aceitar na serenidade as incompreensões e as dificuldades. Em Villepreux, o pároco não é a favor de que Luísa tenha reunião com as Damas da Confraria e algumas jovens, sem que lhe peçam autorização. Ele escreve a Vicente para se queixar de Luísa⁵⁹. Ela aceita as advertências de seu diretor e continua sua missão, feliz de trabalhar na salvação das almas. Esta Caridade que havia 13 anos de existência tinha esfriado em seu fervor, a visita de Luísa foi uma ocasião de renovação e de retomada⁶⁰.

Vicente aprecia o trabalho de Luísa, ele continua ajudando-lhe à simplificar sua espiritualidade e sua missão, faz-lhe recomendações inevitáveis que ela seguirá fielmente: "*Deus é amor e quer que vamos a Ele por amor*"⁶¹.

Formar as damas para o serviço e a caridade será uma constante em sua vida. Assim, no sábado, 8 de abril de 1656, véspera do Domingo de Ramos, sabendo que vai acontecer uma Assembleia geral das Damas da Caridade, presidida por Vicente de Paulo, Luísa lhe escreve:

*"Disseram-me que é hoje a grande assembleia das damas. Não julgueis pois conveniente meu honoratíssimo Pai, de expressar o bem espiritual que se poderia fazer, visitando os pobres galerianos no momento em que nossas irmãs levam-lhes o jantar, que é uma hora bastante cômoda para estar de volta às suas casas, sem que suas obrigações domésticas sejam incomodadas? É as dez horas que os servimos"*⁶².

4.2 ATRAVÉS DOS ENCONTROS PESSOAIS E AS REUNIÕES.

A partir de setembro de 1639, a reputação de Luísa como mestra espiritual começa a se difundir em Paris e algumas damas da nobreza pedem-lhe conselhos espirituais, entre outras, a prima de Luísa: Geneviève de Attichy (esposa de Scipion de Acquaviva, Duque de Atri na diocese de Soissons, próximo de Beauvais) que atravessava momentos difíceis e desejava se confiar à Luísa. Por isto, ela pede uma autorização a Vicente que, imediatamente, aconselha Luísa aceitar esta missão de formação: *"Não se trata de ir sem razão, mas de ir ver uma pessoa na qualidade desta que vos pede e que talvez tenha a necessidade de seu conselho para decidir-se por algo de muito bom. Ide, pois, Mademoiselle, ide, em nome de Nosso Senhor e com sua bênção. E se na oportunidade surgir alguma coisa para fazer com relação às crianças deste lugar, faça-o com precaução, muitas são as necessidades nessa diocese"*⁶³. A filha de Geneviève de Attichy, Mademoiselle de Atri, tinha provocado um escândalo em Paris, pois dizia-se que ela havia poderes diabólicos⁶⁴...a família sofria muito. Luísa aceita esta missão confiando-se a ação do Espírito Santo. Vicente a envia com a mesma fórmula utilizada para ir visitar as Caridade: *"Ide, pois, Mademoiselle, ide, em nome de Nosso Senhor"*.

Enquanto ela estava em Beauvais e visitava as 18 Caridades desta diocese, (300 membros), já praticava esta missão de conselheira das damas, além de acompanhar as Confrarias. Em 7 de dezembro de 1630, Vicente em sua longa carta responde-lhe sobre o assunto de várias tarefas. Sobre um dos pontos, ele reconhecia sua missão de conselheira: *"Queira Deus que a boa Madame de la Croix possa fazer isto que vós a aconselhais! Isto lhe seria uma boa obrigação"*⁶⁵.

Sua reputação de conselheira espiritual crescia a cada dia. No fim do ano de 1631, Mademoiselle Tranchot de Beauvais vai à Paris onde São Vicente inicia a Caridade de Saint-Benoît, ele escreve à Luísa: *"Estamos perto de instalar a Caridade de Saint-Benoît... Falaremos de vós na assembleia de Saint-Benoît. Mademoiselle Tranchot fala das maravilhas. Pensai se será conveniente que tenhais o favor de ver esta boa senhorita para estabilizar seu espírito, a fim de que ela fortifique as outras. Se a vistes outras vezes, isto lhe serviria facilmente de pretexto para vê-la, pois, ela não deixará de vos falar"*⁶⁶.

Em Junho de 1632, a Caridade de Villeneuve - Saint-Georges estava em grande dificuldade: não havia mais que 9 membros. Vicente a envia para resolver a situação em companhia de Madame Goussault e de Mademoiselle Poulaillon. De Paris, ele lhe escreve: *"na verdade, não tinha dúvidas que encontraríeis muitíssimas dificuldades no restabelecimento da Caridade, e mais do que me dizeis, porém, bendito seja Deus que existe*

alguma razão de esperar que vós a restabelecereis! Quanto às dificuldades que me comunicais, parece-me bom que as resolva como dissestes"⁶⁷.

Um mês após, a Caridade estava reorganizada. Em 10 de julho de 1632, Vicente lhe escreve: "*Bendito seja Deus, Mademoiselle, como estais conduzindo tão bem entre tantos trabalhos e de como Ele tem abençoado seu serviço!*"⁶⁸.

O segredo de seu trato, de sua prudência e de sua capacidade de aconselhar, ela comenta em seus exercícios espirituais preparatórios a festa de Pentecostes de 1632: "*O motivo do recolhimento dos apóstolos era principalmente o amor que tinham por seu Mestre; assim também, esse mesmo amor há de ser o único motivo da dependência na qual, por sua santa graça, quero perseverar em toda a minha vida*"⁶⁹.

A partir de 1633, toda sua atenção volta-se para as Filhas da Caridade, enquanto que as Damas passarão para o segundo plano, como pode-se constatar em sua correspondência com Vicente.

4.3 RETIRO E DIREÇÃO ESPIRITUAL

Na formação realizada por Luísa, uma parte é consagrada a direção dos exercícios espirituais (retiro) de algumas damas da Caridade. Na correspondência, vemos que isto começou em Agosto de 1641. É o que ela diz em uma carta dirigida ao Padre Vicente: "*O senhor pároco de São Germano de Auxerrois mandou me perguntar se uma senhora poderia vir fazer aqui o retiro espiritual. Não sei se seu marido pensa fazê-lo em vossa casa. Pelo que me disseram, são pessoas que passaram por grandes aflições; não sei porém o nome delas. Disse-lhe que amanhã lhe daria resposta, depois de me haver comunicado convosco*"⁷⁰.

Luísa começa esta nova missão no mês de Agosto de 1641. Em maio de 1642, Madame de Humières pede para fazer o retiro na Casa Mãe das Filhas da Caridade, sob a direção de Luísa, o qual lhe é concedido⁷¹ Isto se repete em julho de 1647, duas Damas são dirigidas por Luísa⁷². Em junho de 1656, Madame Guergret da Caridade de Saint-Sauveur faz o retiro sob a direção de Luísa⁷³; em março de 1659, é Baronne de Mirepoy, que no fim de seu retiro, quer participar da assembleia geral das Damas da Caridade em Paris.

Uma das cartas de Luísa nos indica as orientações espirituais que ela partilhava com as damas durante os retiros: "*Remeto-vos o exercício de piedade de que vos falei. Parece-me muitíssimo próprio para vós, segundo o conhecimento que vossa bondade quis dar-me de vossa querida alma. Vivei, pois, assim, sendo toda de Deus, querida senhora, por essa união suave e amorosa de vossa vontade com a de Deus, em todas as coisas. Esta prática contém em si, na sua simplicidade, os meios para chegardes à sólida perfeição que Deus requer de vós, assim o penso. Tende sempre, querida senhora, em grande apreço a humildade e a mansidão cordial e tratai, com toda simplicidade e familiaridade inocente, com Nosso Senhor, em vossas orações. E, durante o dia elevai vosso espírito até Ele, que é a divina doçura, não levando em conta se sentis ou não gosto, ou, consolo. Deus quer de nós não apenas o coração; não pôs em nosso poder senão o puro ato da vontade e é o que olha,*

juntamente com a ação, que dele procede. Fazei o maior número possível de ponderações e vivei com santa alegria, no serviço de nosso soberano Mestre e Senhor.

Aí está, senhora, simplesmente, como Nosso Senhor me inspirou, o que vossa humildade solicitou à minha pobreza. Suplico à sua infinita bondade faça chegar vossa cara alma à mais alta perfeição em que seu Amor vos quer. Rogo-vos, senhora, me recomendeis à sua divina Misericórdia e crede que já fiz o que desejáveis de mim. Nunca vos esquecerei em minhas pobres orações, nem o senhor seu marido e demais pessoas que vos são tão caras. Deus seja bendito"⁷⁴.

Luísa se revela uma autêntica diretora de consciência, tanto para as senhoras casadas como para as primeiras Irmãs. Ela aconselha, acompanha, orienta para Deus respeitando a necessidade e a liberdade de cada uma: "*Aí está, senhora, simplesmente, como Nosso Senhor me inspirou, o que vossa humildade solicitou à minha pobreza*". Não se contenta com uma simples partilha, propõe elevados objetivos sobre o caminho de santidade: "*Suplico à sua infinita bondade faça chegar vossa cara alma à mais alta perfeição em que seu Amor vos quer*". Para terminar, ela pede ajuda de sua oração: "*Rogo-vos, senhora, me recomendeis à sua divina Misericórdia e crede que já fiz o que desejáveis de mim. Nunca vos esquecerei em minhas pobres orações*".

5.- QUESTÕES E DESAFIOS PARA A FAMÍLIA VICENTINA HOJE

Vimos Luísa de Marillac como formadora de leigos para aprender dela a responder aos desafios que nos apresentam a Igreja de nosso tempo, hoje. O Concílio Vaticano II exortou-nos à considerar o que foi feito nas origens do cristianismo⁷⁵. Na verdade, nos primeiros séculos do cristianismo, a maioria dos convertidos, dos mártires, diáconos e diaconisas da caridade eram leigos. O monarquismo e a vida consagrada irão aparecer somente no fim do século III e no início do século IV.

5.1. - EM FIDELIDADE ÀS ORIGENS DO CRISTIANISMO

Os primeiros cristãos catequistas e servidores da caridade eram leigos. As cartas de Paulo e o livro dos Atos dos Apóstolos nos falam claramente do engajamento cristão do casal Áquila e Priscila. Paulo nos lembra que todas as comunidades dos gentios tinham dívidas com este casal (Rm. 16, 4). Eles foram expulsos de Roma durante a perseguição de Cláudio, viveram exilados em Coríntios, trabalharam como tecelões de tendas (o mesmo ofício de Paulo); ofereceram a Paulo hospitalidade em sua casa. Depois, eles o acompanharam à Efésio e tornaram-se os fundadores da Igreja nesta cidade, arriscaram suas vidas pela segurança de Paulo; a Igreja local se reunia em sua residência (Igreja doméstica) e eram catequistas do grande missionário Apolo. Paulo e Lucas consideravam este casal como testemunhas excepcionais. O papel dos leigos não para com o fim do Novo Testamento. Os leigos, homens e mulheres, tiveram um papel muito importante nos numerosos movimentos espirituais da história da Igreja. Na tradição mística dos séculos XII e XIII, muitas mulheres leigas como Julienne de Norwich⁷⁶, tiveram um papel muito importante. No tempo de São Vicente,

Madame Acarie, mãe de seis filhos, foi uma das pessoas mais procuradas como guia espiritual nesta época.

O Concílio Vaticano II lembra que, desde as origens do Cristianismo, somos todos chamados a participar da missão da Igreja. *"A Igreja nasceu para tornar todos os homens participantes da redenção salvadora e, por eles, ordenar efectivamente a Cristo o universo inteiro, dilatando pelo mundo o seu reino para glória de Deus Pai. Toda a atividade do Corpo místico que a este fim se oriente chama-se apostolado. A Igreja exerce-o de diversas maneiras, por meio de todos os seus membros, já que a vocação cristã é também, por sua própria natureza, vocação ao apostolado. Do mesmo modo que num corpo vivo nenhum membro tem um papel meramente passivo, mas antes, juntamente com a vida do corpo, também participa na sua atividade, assim também no Corpo de Cristo, que é a Igreja, todo o corpo "cresce segundo a operação própria de cada um dos seus membros"(Ef. 4, 16)"⁷⁷.*

5. 2.- EM FIDELIDADE AO MAGISTÉRIO DO CONCÍLIO VATICANO II

Chamou-se, com razão o decreto *"Apostolicam Actuositatem"* do Vaticano II *"a carta magna do apostolado laical"*. Nele encontramos os ensinamentos dos Papas e dos Bispos dos 40 anos precedentes do Concílio, durante os quais o apostolado dos leigos se organizou e se desenvolveu de múltiplas formas. O Concílio sublinha fortemente que o apostolado dos leigos é um dever que provem do batismo e da profissão de fé cristã.

Os seis capítulos do decreto apresentam os temas mais necessários e mais importantes que devem fazer parte da formação dos leigos atualmente:

Apostolado e espiritualidade dos leigos. Sublinha-se a necessidade de uma espiritualidade sólida, alimentada pela oração pessoal, participação na liturgia da Igreja que expresse no exercício habitual da fé, a esperança e a caridade. Os cristãos leigos devem olhar Maria como um modelo de vida espiritual e de apostolado.

Os objetivos do apostolado dos leigos são: contribuir com a restauração da ordem temporal para que seja conforme a mensagem de Cristo, as características da justiça e da caridade, em todos os domínios, bem como no ponto de vista cultura, econômico, político e artístico que em todos as outras realidades temporais, combatem *"a idolatria das coisas materiais"* (nº7).

Os vários campos do apostolado dos leigos: a família, a juventude, o meio social com todas as suas realidades e seus variantes, atualmente tão complexos, tanto na ordem nacional como na internacional.

As várias formas do apostolado leigo: além do testemunho pessoal, o Concílio insiste sobre as formas de apostolado em grupo ou em comunidade, levando em conta o apelo expresso no N° 19 do decreto: *"Respeitada a devida relação com a autoridade eclesiástica...Deve-se, contudo, evitar a dispersão de forças"*.

A ordem a guardar no apostolado leigo: Insiste sobre a coordenação das diferentes formas de apostolado, da estima recíproca "*evitando as emulações tão perniciosas*", sobre as relações com a hierarquia, sobre a animação espiritual do clero, o respeito aos religiosos e aos consagrados, da participação nos conselhos paroquiais e diocesanos, nas pastorais (da família, da juventude, de ação caritativa e social), a colaboração com os cristãos não católicos. Pede-se a criação de um *conselho de leigos em nível internacional* a fim de sustentar o apostolado dos leigos (nº26)⁷⁸.

A formação para o apostolado: Pede-se uma formação especial para os leigos. "*A preparação para o apostolado supõe uma formação humana completa e adaptada à maneira de ser e circunstâncias próprias de cada um. Com efeito, o leigo, conhecendo bem o mundo atual, deve ser um membro da sociedade em que vive e ao nível da sua cultura. Primeiro que tudo, aprenda o leigo a realizar a missão de Cristo e da Igreja, vivendo da fé no mistério divino da criação e da redenção, guiado pelo Espírito Santo vivificador do Povo de Deus, que impele todos os homens a amar a Deus Pai, e n'Ele, o mundo e os homens. Esta formação deve ser considerada como fundamento e condição de todo e qualquer apostolado fecundo*"⁷⁹. Tudo ao longo deste capítulo VI, insiste sobre a necessidade de organizar para os leigos uma formação bíblica, moral e social.

Sobre o assunto de formação para o apostolado da caridade, lemos no artigo 31: "*Visto que as obras de caridade e misericórdia dão um esplêndido testemunho de vida cristã, deve também a formação apostólica levar ao seu exercício, para que os fiéis aprendam, logo desde a infância, a compadecer-se dos pobres e necessitados e a ajudá-los com generosidade*".

Quem deve formar os leigos para o apostolado? Cita-se a família cristã, a comunidade paroquial e as escolas: "*Compete também às escolas, colégios e outras instituições católicas destinadas à formação, fomentar nos jovens o sentido católico e a ação apostólica. No caso de faltar esta formação, quer seja porque os jovens não frequentam essas escolas, quer por outra causa, então cuidem mais dela os pais, os pastores de almas e as associações apostólicas. Os professores, porém, e os educadores, que, por vocação e ofício, exercem uma superior forma de apostolado dos leigos, estejam impregnados da ciência necessária e das técnicas pedagógicas, para poder realizar eficazmente essa educação*"⁸⁰.

Eis um dos desafios dos mais atuais que solicita hoje uma resposta forte e construtiva. "*Do mesmo modo, os grupos e as associações de leigos, quer se dediquem ao apostolado, quer a outros fins sobrenaturais, devem fomentar com diligência e assiduidade a formação para o apostolado, segundo o próprio fim e modalidades. São elas, muitas vezes, o caminho ordinário dum preparação conveniente em ordem ao apostolado. Com efeito, nelas se realiza uma formação doutrinal, espiritual e prática. Os seus membros, constituindo pequenos grupos com os companheiros e amigos, consideram os métodos e os frutos da sua atividade apostólica, e confrontam com o Evangelho a sua vida quotidiana*"⁸¹.

Como Filhas da Igreja, devemos responder a esta necessidade urgente, apelo repetido por João Paulo II e Bento XVI. Temos necessidade de nos formar para formar outros.

5.3.- EM FIDELIDADE AOS ENSINAMENTOS DOS NOSSOS SUPERIORES GERAIS

O Padre Maloney lançou apelos para colaborar na formação dos leigos vicentinos. Ele nos motivou para trabalharmos juntos, como *família vicentina*, a fim de lutar contra a pobreza a partir de nosso carisma. Repetiu que o trabalho na formação dos leigos é uma questão de fidelidade a São Vicente e Santa Luísa: "*após o Vaticano II, com uma percepção mais clara da missão dos leigos e da necessidade de desenvolver uma variedade de ministérios leigos, a Assembleia de 1998 considera esta nova declaração e nossa finalidade como um desenvolvimento orgânico da percepção original da fundação de São Vicente. Ele mesmo tinha desejado reunir os jovens e os anciãos, os ricos e os pobres, o clero e os leigos, os homens e as mulheres para fazê-los participar de uma maneira mais ampla da evangelização dos pobres*".

O Padre Maloney faz uma lista com dez características de um vicentino formador:

- Enraizados na pessoa de Jesus Cristo.
- Mergulhados no carisma Vicentino.
- Em contato com o mundo dos pobres.
- Capaz de ser um guia no encaminhamento espiritual.
- Atentos à escuta da Palavra de Deus e aos problemas dos outros.
- Relacionar-se bem com os meios de comunicação.
- Conhecer a doutrina social da Igreja.
- Trabalhar em equipe e em colaboração com outros.
- Em união com os diversos grupos de nossa Família Vicentina.
- Ser missionário no mundo pluricultural⁸².

5. 4.- A PARTIR DE NOSSA REALIDADE QUOTIDIANA:

Após este conjunto de reflexão, considerando que o mundo no qual vivemos gera continuamente novas pobreza, Santa Luísa nos convida a saber acolher os apelos da Igreja para a formação dos leigos. Nos convida hoje, a nos apropriarmos dos objetivos do Concílio Vaticano II, propostos no decreto sobre o apostolado dos leigos no n° 30 d:

"Os grupos e as associações de leigos, quer se dediquem ao apostolado, quer a outros fins sobrenaturais, devem fomentar com diligência e assiduidade a formação para o apostolado, segundo o próprio fim e modalidades".

"Os seus membros, constituindo pequenos grupos com os companheiros e amigos, consideram os métodos e os frutos da sua atividade apostólica, e confrontam com o Evangelho a sua vida quotidiana".

Através destes apelos de nossos Superiores, nos conscientizamos do desafio que representa para nós a mudança sistêmica.

Que o Espírito Santo nos guie e nos dê a força necessária para responder a estes desafios. O problema não é a idade avançada, mas a falta de entusiasmo, do enfraquecimento da chama do amor de Deus em nosso coração.

Irmã Maria Angeles INFANTE
Filha da Caridade
Semana Vicentina em Salamanca

Notas

- ¹ Jean Calvet "*Louise de Marillac par elle-même*" portrait. p. 129
- ² Bref Pontifical du Pape Jean XXIII. Cf. M.D. POINSENET: "*De l'angoisse à la sainteté*".
- ³ René de Voyer d'Argenson, *Annales de la Compagnie du Saint-Sacrement*, Marseille, Saint-Léon, 1900, BN numérisé, p. 196-197.
- ⁴ Preâmbulo do Decreto "Apostolicam Actuositatem" sobre o apostolado dos leigos.
- ⁵ *Ibidem*
- ⁶ *Ibidem*
- ⁷ *Ibidem*
- ⁸ JOSÉ M^a ROMÁN "*Saint Vincent de Paul Biographie*" Editions Alzani 2004 p.109; 111-112-113; 219-220; 709.
- ⁹ Uma mulher muito espiritual que tinha convicções sólidas. Em janeiro de 1618, o futuro Cardial de Bérulle teve com Madame Acarie, que se tornou Mara da Encarnação, uma violenta discussão, uma violenta alteração porque quis impor aos Carmelitas como quarto voto comunitário, o voto da escravidão de Jesus. A atitude de Madame Acarie provoca a resistência de muitas religiosas, e a oposição decide de um outro os superiores, o Padre Duval que denuncia o caso ao Cardeal Bellarmin. Em abril de 1618, Madame Acarie morre. Muitas Carmelitas tomaram a séria decisão de abandonar seu convento de Paris e de se refugiar nos Países Baixos espanhóis. (ver o livro de J.M. Roman "*Saint Vincent de Paul Biographie*" p.112).
- ¹⁰ Coste I p. 29: 37. - Cf. J.M. Roman "*Saint Vincent de Paul Biographie*" p. 220-221.
- ¹¹ Coste XI p.170- Cf. J.M. Roman "*Saint Vincent de Paul Biographie*" p.134
- ¹² Conferência de julho de 1642, pág.50
- ¹³ Correspondências e Escritos, E.31 (A.54) pág. 836
- ¹⁴ Cf. Benito MARTÍNEZ B. C. M.: "*Empeñada en un paraíso para los pobres*", Ed. CEME Salamanca 1995. p. 83-85.
- ¹⁵ Coste I p. 27-28
- ¹⁶ Coste I p. 27-28 - 34
- ¹⁷ Coste I p. 29
- ¹⁸ Coste I p. 30
- ¹⁹ *Ibidem*
- ²⁰ Coste I p. 34
- ²¹ Correspondências e Escritos C.3 (L.1) pág. 17
- ²² Coste I p. 36
- ²³ Coste I p. 38
- ²⁴ Coste I p. 38-39
- ²⁵ Coste I p. 40
- ²⁶ Coste I p. 39
- ²⁷ Coste I p. 52
- ²⁸ Coste I p.51- 52
- ²⁹ Correspondências e Escritos, E.10 (A.7) pág. 793
- ³⁰ Coste I p. 62
- ³¹ Coste I p. 68 carta 31; Cf. cartas 32; 33; 34; 35; 36; 37 p. 69 à 71.
- ³² Coste I p. 72 carta 38
- ³³ Coste I p. 73 carta 39
- ³⁴ Coste I p. 74 carta 39
- ³⁵ J.M. Roman "*Saint Vincent de Paul Biographie*" p.225-226
- ³⁶ Correspondências e Escritos E.16 (A.50) pág. 798
- ³⁷ *Ibidem*, pág. 799
- ³⁸ Coste I p. 72 carta 38

- 39 "*Petite vie de Louise de Marillac*" Sr. Charpy édition DDB 1991 p. 18
- 40 Coste I p. 75 carta 40
- 41 "*Petite vie de Louise de Marillac*" Sr. Charpy édition DDB 1991 p. 21
- 42 Documentos nº 803, pág. 1053
- 43 Documentos nº 824 pág. 1093
- 44 Coste I p. 78 carta 42
- 45 Ibidem
- 46 Ibidem
- 47 Ibidem
- 48 Ibidem
- 49 Coste I p. 80 carta 44
- 50 Coste I p. 81 carta 45
- 51 Coste I p. 83 carta 47
- 52 Correspondências e Escritos E. 16 (A.50) pág. 798
- 53 Correspondências e Escritos E.21 (A.15) pág. 806
- 54 Correspondências e Escritos E.22 (A.5) pág. 808
- 55 Coste I p. 86 carta 49
- 56 Coste I p. 94 carta 56
- 57 Coste I p. 94 carta 57
- 58 Correspondências e Escritos E.16 (A.50) pág. 798
- 59 Coste I p. 81 carta 46, p. 82-83 carta 47.
- 60 Coste I p. 79 carta 43; p. 84 carta 48; VIII p. 521 carta 3297
- 61 Coste I p. 86 carta 49
- 62 Coste V p. 589 carta 2044
- 63 Coste I p. 91 carta 55
- 64 JOSEPH I. DIRVIN: *Santa Luísa de Marillac*, Ed. CEME, Salamanca 1980, p. 43.
- 65 Coste I p. 97 carta 58
- 66 Coste I p. 100 carta 59
- 67 Coste I p. 160 carta 110
- 68 Coste I p. 161 carta 111
- 69 Correspondências e Escritos, E.22 (A.5), pág. 810
- 70 Correspondências e Escritos, C.56 (L.67), pág. 73
- 71 Correspondências e Escritos, C.70 (L.68), pág. 87
- 72 Correspondências e Escritos, C. 203 (L.188), pág. 239
- 73 Correspondências e Escritos, C. 538 (L. 482), pág. 581
- 74 Correspondências e Escritos, C. 723 (L. 40), pág. 765
- 75 Decreto *Apostolicam Actuositatem*, nº 1; Cf. os seguintes textos: Ac., 11,19-21; 18,26; Rm. 16,1-16; Fl 4, 3.
- 76 *Mystique anglaise du XIV^{ème} siècle*
- 77 Decreto *Apostolicam Actuositatem*, nº 2
- 78 O Conselho pontifical para os leigos, organismo da cúria romana, foi criado por Paulo VI em 6 de janeiro de 1967, através do Motu Proprio *Catholicam Christi Ecclesiam*. Em dezembro de 1976, o mesmo papa reforma e confirma este dicastério pelo Motu Proprio *Apostolatus peragendi*.
- 79 Decreto *Apostolicam Actuositatem*, nº 29
- 80 Ibidem nº 30c
- 81 Ibidem nº.30d
- 82 R. Maloney Conferência aos Assessores.

